

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Ian Bicudo Lippi

Invasão e ocupação do Timor-Leste pela Indonésia
(1975-1999)

Florianópolis, julho 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Ian Bicudo Lippi

Invasão e ocupação do Timor-Leste pela Indonésia

(1975-1999)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título bacharel e licenciado em História.

Orientador: Márcio Roberto Voigt

Florianópolis, julho 2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Lippi, Ian Bicudo

Invasão e ocupação do Timor-Leste pela Indonésia : (1975
1999) / Ian Bicudo Lippi ; orientador, Márcio Roberto
Voigt, 2022.

85 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. História. 2. Timor-Leste. 3. Indonésia. 4. Guerra
fria. 5. História. I. Voigt, Márcio Roberto. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico Ian Bicudo Lippi, matrícula n.º 17104254, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Invasão e ocupação da Indonésia no Timor-Leste (1975-1999), com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 31 de julho de 2022.



Documento assinado eletronicamente
Marcio Roberto Voigt
Data: 31/07/2022 06:26:06-0300
CPF: 570.845.559-08
Verifique as assinaturas em <https://ic.ufsc.br>

Orientador(a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 26 dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e dois, às 18 horas, por meio remoto, no Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Márcio Roberto Voigt, Orientador e Presidente, pelo Professor, Alex Degan Titular da Banca, e pelo Professor Lucas Saldanha Silva, Suplente, designados(as) pela Portaria nº 19/2022/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Ian Bicudo Lippi, subordinado ao título: “Invasão e ocupação do Timor-Leste pela Indonésia (1975-1999)”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho, Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Márcio Roberto Voigt a nota final .8,0., do Professor Alex Degan a nota final ..8,0 e do Professor Lucas Saldanha Silva a nota final ...8,0,; sendo aprovado com a nota final **...8,0...** O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia dois de agosto de dois mil e vinte e dois. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato,

Florianópolis, 26 de julho de 2022.

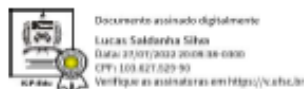
Banca Examinadora:

Prof. Márcio Roberto Voigt

Prof. Alex Degan

Prof. Lucas Saldanha Silva

Candidato Ian Bicudo Lippi



AGRADECIMENTOS

O curso de História foi uma jornada e tanta para mim. Se eu estou aqui eu devo agradecer primeiramente a Deus. Também preciso agradecer aos meus pais e irmão Silvana, Lippi e Bruno que estiveram ao meu lado. Agradeço ao professor Márcio Voigt que sempre demonstrou disponibilidade para me orientar. Agradeço ao professor Alex Degan e ao mestrando Lucas Saldanha por aceitarem gentilmente participar da minha banca de defesa. Agradeço ao curso de graduação de História da UFSC, aos servidores Cris e Milano. Agradeço a instituição Universidade Federal de Santa Catarina e a seus trabalhadores em geral. Aos meus amigos que fiz durante o curso: Murilo, Rodrigo, Eduardo, Beatriz, Airton, Ângela, Arthur e Fred. Agradeço também ao Thiago que foi chefe do setor do Memorial do Ministério Público de Santa Catarina local em que fiquei durante dois anos, aprendi muito com ele. Agradeço a toda equipe que compôs o memorial comigo, Guilherme, Carla e Isa. Agradeço a equipe do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina local onde tive oportunidade de estagiar com a supervisão da Juçara. Ao meu amigo Lucas parceiro de estágio docência – encarar duas turmas de sextos anos foi um desafio engrandecedor. Agradeço também a Dra. Gianna que me ajudou ao longo destes anos.

“O homem que acha doce a sua terra natal é ainda um iniciante imaturo; já é forte aquele para quem todo solo é como sua terra natal; mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é uma terra estrangeira”. (Hugo de São Vítor, Didascálion)

RESUMO

O objetivo deste estudo é mostrar o contexto que o Timor-Leste passou como colônia de Portugal até a invasão da Indonésia e suas consequências. E junto deste processo, havia a Guerra Fria que indiretamente refletiu no Timor com suas ideologias na área política, neste caso, o socialismo e o capitalismo ocidental. Esta pesquisa é relevante porque apresenta um pouco do contexto histórico que o Timor-Leste passou, que ainda é pouco abordado no meio acadêmico, além das dificuldades e mortes que ficaram marcadas e que foram geradas com a Invasão da Indonésia. Como problemática, neste estudo tentaremos responder como que o Timor-Leste passou nesta fase de descolonização à invasão da Indonésia. Dessa forma, o objetivo com este estudo será apresentar o conflito no Timor e o contexto histórico que está inserido. Como metodologia, esta pesquisa será qualitativa para fundamentar e conceituar este estudo com livros, artigos e dissertações acadêmicas que possam fundamentar a pesquisa.

Palavras chaves: Timor-Leste, Indonésia, História, Invasão, Ocupação.

ABSTRACT

The objective of this study was to show the context that East Timor passed as a colony of Portugal until the invasion of Indonesia and its consequences. And along with this process, there was the Cold War that indirectly reflected in Timor with its ideologies in the political area, in this case, socialism and western capitalism. This research is relevant because it presents a little of the historical context that East Timor went through, which is still little addressed in the academic environment, in addition to the difficulties and deaths that were marked and that were generated with the Invasion of Indonesia. As a problem, in this study we will try to answer how East Timor went through this phase of decolonization and the invasion of Indonesia. Thus, the objective of this study will be to present the Invasion of East Timor and the historical context that is inserted Timor was experiencing. As a methodology, this research will be qualitative to support and conceptualize this study with books, articles and academic dissertations that can support the research.

Key words: East Timor, Indonesia, History, Invasion, Occupation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Árvore do Sândalo.....	17.
Figura 2 - As meninas Bordallo Pinheiro.....	18.
Figura 3 - Massacre de Santa Cruz.....	19.
Figura 4 - Repercussão na imprensa.....	20.
Figura 5 - O flautista de Hammelin de Lito Sousa.....	22.
Figura 6 - Mapa do Timor-Leste.	26.
Figura 7 - Bandeira da FRETILIN.....	28.
Figura 8 - Bandeira do Timor-Leste.....	28.
Figura 10 - Ford e Kissinger na Indonésia de Suharto	37.
Figura 11 - Encontro de Ford e Suharto, Camp David, julho de 1975.....	40.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APODETI Associação Popular Democrática Timorense
ASDT Associação Social Democrática Timorense
ASEAN Associação das Nações do Sudeste Asiático
CPLP Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
EUA Estados Unidos da América
FALINTIL Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor-Leste
F-FDTL Forças de Defesa de Timor-Leste
FRETILIN Frente Revolucionário de Timor-Leste Independente
INTERFET Força Internacional para Timor-Leste
ONU Organização das Nações Unidas
OTAN Organização do Tratado do Atlântico Norte
PKI Partai Komunis Indonesia
UDT União Democrática Timorense
UN United Nations

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	12
2. TIMOR-LESTE E PORTUGAL.....	14
2.1 A expansão marítima portuguesa antes de chegar no Timor-Leste.....	14
2.2 Portugal e Timor-Leste.....	16
2.3 Portugal e Timor pós-colonial	17
2.4 A posterior ajuda de Portugal aos timorenses	19
3. O CENÁRIO POLÍTICO E A INVASÃO	27
3.1 Fatores que contribuem ao entendimento.....	31
3.2 Bandung e o movimento dos não alinhados	33
4. AS GRANDES POTÊNCIAS NO CONFLITO	37
4.1. Os Estados Unidos da América, a Indonésia e o Timor	37
4.2. Austrália, petróleo e Genocídio em Timor.....	42
4.3. Inglaterra, Canadá e Japão, outros importantes aliados a Indonésia	44
4.4 Timor e o contexto global.....	45
5. CONCLUSÃO.....	47
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
7. Anexos:	52

1. INTRODUÇÃO

O Timor-Leste é um país muito jovem localizado no sudeste asiático, onde faz fronteira com a Indonésia. País lusófono, pouco noticiado pela mídia, foi colônia de Portugal desde o século XVI até finais do século XX, quando o período fascista termina em Portugal. A presença portuguesa em Timor, foi sobretudo eclesiástica; hoje o país tem grande representatividade do catolicismo na região asiática, o que viria a influenciar em questões de identidade e reconhecimento internacional do Timor. Quando finalmente ocorre a revolução dos cravos em Portugal, o país encontra-se numa situação de resolver a questão de Timor e afastar os ares do imperialismo. Em 1975 após lutas internas, dos dois partidos mais relevantes de Timor, a UDT (União Democrática Timorese) e a FRETILIN (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente), a última consagra-se vitoriosa proclamando independência. Essa independência não foi reconhecida nem pela ONU nem por Portugal, durou muito pouco. Semanas antes da invasão Indonésia ao Timor, que aconteceu em dezembro de 1975, o presidente dos EUA havia visitado a ilha de Suharto; este mesmo país havia facilitado as vendas de armas de fogo à Indonésia. Formou-se o instrumento de maquinação anticomunista indonésio-americano, não à toa, Suharto foi colocado no o poder na Indonésia por um golpe, com ajuda dos americanos em 1965. Há de se observar o forte contexto de guerra fria, o mundo polarizado entre as forças dos EUA e da URSS. Com a consagração da FRETILIN, de linhagem marxista, no Timor, os países ocidentais chefiados pelos EUA e juntamente com a Indonésia, viram seus interesses ameaçados quanto ao Timor-Leste. Para apagar o incêndio da revolução naquele país, era necessário mais uma vez destruir a soberania nacional, não diretamente como no Vietnã, mas indiretamente; sem a cobertura internacional, que quando divulgada era a favor da “liberdade” ocidental contra a barbárie comunista, vide a insistente cobertura do caso do Camboja. Isolar e deturpar o que estava acontecendo no Timor, era fundamental para continuação do genocídio e dilaceração do país, facilitando a captura dos recursos naturais, mantendo-a e avançando de forma agressiva, contra a população. É extremamente difícil calcular os estragos feitos ao Timor-Leste.

A invasão da Indonésia e o genocídio no Timor-Leste poderiam ter sido impedidos por ações não belicosas das grandes potências globais, mas como vimos, isto não ocorreu. No Timor-Leste aconteceu um gravíssimo ataque contra os direitos internacionais, um genocídio que durou longos anos e anos de lutas timorenses. Durante os longos anos de ocupação da

Indonésia em Timor, grandes potências ocidentais, que pregavam a valorização dos direitos humanos fundamentais, agiram em favorecimento do país de Jacarta, por muitas vezes financiando, outras vezes sendo omissos com o genocídio que estava se desencadeando. O Timor-Leste não estava livre da ganância dos grandes capitalistas sobre a riqueza da terra no Timor, principalmente pela facilidade de negociação com a Indonésia sobre o petróleo do mar de Timor. Desse modo, nesta pesquisa será apresentada “A invasão e ocupação do Timor-Leste pela Indonésia” para compreendermos o desencadear de toda situação que levou ao sofrimento e morte de muitos timorenses. Quando se estuda o fenômeno do genocídio no Timor-Leste, percebe-se as ações de líderes, diplomatas de grandes nações atuando muitas vezes pela sombra e favoráveis à Indonésia. Em 1975 o Timor era pauta dentro da ONU e grandes instituições internacionais, porém a ascensão da FRETILIN e o petróleo de Timor Gap, deram os rumos a serem tomados pelos Estados Unidos, Austrália, França, Espanha, Canadá, Japão, etc., que favoreceram a Indonésia seja no âmbito burocrático, seja na venda de armas e promoção do genocídio.

As relações internacionais neste contexto, foram pautadas por alguns interesses nacionais, com a não observância dos direitos humanos fundamentais, a ausência de ações da ONU e das grandes potências para o impedimento do genocídio. As grandes mídias quase não reportavam os acontecimentos em Timor, quando reportavam, por vezes deturpavam. Estes foram cúmplices fundamentais do genocídio e da injustiça internacionalmente estabelecida. Os olhos do mundo estavam vendados para a questão de Timor, o que foi fundamental para a deflagração e continuação do horror, do genocídio.

2. TIMOR-LESTE E PORTUGAL

2.1 A expansão marítima portuguesa antes de chegar no Timor-Leste

Para compreendermos o contexto histórico do Timor-Leste iremos abordar um breve histórico das grandes navegações portuguesas até chegar nesta parte longínqua no sudeste asiático e se estabelecer durante séculos de colonização. Portugal foi pioneiro na expansão marítima no início do século XV devido a muitos fatores que precisam ser considerados. Os portugueses já possuíam experiências que adquiriram nos séculos XIII e XIV em realizar viagens comerciais longas e se estabeleceram como um país autônomo que estava inclinado para as navegações fora da Europa. A expansão comercial de Portugal foi facilitada por meio de uma relação econômica com o mundo islâmico do Mediterrâneo.(FAUSTO,1995)

A expansão marítima portuguesa pode ser considerada uma renovação para as chamadas “técnicas de marear”. Quando começaram as navegações para a África, os instrumentos começaram a ser aperfeiçoados, pois no início, não tinham algumas indicações como latitude e longitude, desse modo, alguns avanços como o quadrante e o astrolábio foram algumas inovações daquele período (FAUSTO, 1996). Para realizar essas navegações, os portugueses desenvolveram arquiteturas navais mais adequadas para essas viagens e construíram novas caravelas que eram mais leves e permitiam uma velocidade maior, elas passaram a ser utilizadas em 1441. Nos séculos XVI e XVII eles faziam as navegações para o Brasil (FAUSTO, 1996). Neste período, Portugal também foi atingida pela crise geral que a Europa enfrentava, porém, tinha condições políticas melhores que os outros países para enfrentar os outros reinos. Desse modo, em todo o século XIV, Portugal não estava envolvido em disputas como outros países como França, Inglaterra e os Estados da atual Itália (FAUSTO, 1995).

A expansão iniciada no século XIV ocorria conforme o interesse de muitas classes, grupos sociais e instituições que compõem a sociedade portuguesa. Para comerciantes era uma oportunidade de criar mais negócios, para o rei de Portugal, era uma forma de criar mais fontes de renda. Para os nobres significava ganhar mais riquezas e posições que eram difíceis de conseguir (FAUSTO, 1995). Desse modo, esses acontecimentos foram primordiais para que Portugal conseguisse aproveitar como boas oportunidades a exploração marítima e

conquistar mais territórios e riquezas. E tudo isso sendo gerido pelos interesses da elite daquele período e da igreja para evangelizar ao redor do mundo conforme Portugal realizava suas navegações (BAIÃO *et. al.*, 1939).

No início da nacionalidade portuguesa, as navegações eram maiores, seguiam tratados mercantis e as embarcações excediam sua capacidade com quantidades excessivas de toneis, um só mastro e uma verga fixada na vela quadrangular (Baião *et. al.*, 1939). Ou seja, neste período as elites predominavam e ditavam as principais decisões que iriam afetar Portugal e a sua sociedade. As navegações ocorreram no decorrer de muitos reinados portugueses e faziam pescas longínquas nos mares de países como a Grã-Bretanha por meio da concessão cedida que o Rei da Inglaterra Eduardo III e assim faziam algumas explorações pelos mares (BAIÃO *et. al.*, 1939).

Neste mesmo período, a Conquista de Ceuta começou com a as colônias portuguesas se estabelecendo na costa africana e em algumas ilhas do Oceano Atlântico. As explorações marítimas alcançaram o seu ápice quando passaram o Cabo das Tormentas que era um dos limites conhecidos naquele momento (SOUZA, 2022). Com a grande quantidade de navegações realizadas, isso fez com que eles tomassem algumas decisões necessárias para que as navegações fossem mais efetivas colocando veleiros defensáveis e robustos para fazer os descobrimentos com um novo modelo de navio (BAIÃO *et. al.*, 1939). No Continente africano, muitas descobertas e perigos os portugueses poderiam se deparar em locais traiçoeiros, correntes marítimas impetuosas na costa ocidental do Continente Africano até o Cabo da Boa Esperança. Na África continental, os portugueses se depararam com muitas entidades políticas como impérios e cidades-estados que pertenciam a reis e sultões de hierarquias e religiões como o islão (BETHENCOURT, 2010). O descobrimento do caminho da Índia é deduzido como a navegação em direção ao sul da África, de que a terra era menor do que se imaginava e poderiam se deslocar para o oeste (BAIÃO *et. al.*, 1939). Alguns navegadores conseguiram descobrimentos e trajetos relevantes para aquele período que ao mesmo tempo beneficiaram muito as navegações de Portugal.

2.2 Portugal e Timor-Leste

A ilha do Timor já era visitada no tempo quinhentista, por navegadores e comerciantes portugueses com interesses comerciais e lucrativos. A descoberta do Timor-Leste foi realizada entre os anos de 1512 e 1520 sendo resultado de diversas viagens dos navios nos locais de paragem, e realizavam a troca de seus produtos pelos aromáticos paus de sândalo que eram apreciados em Malaca (MORAIS, 1943). Os timorenses da costa faziam trocas de sândalo que eram retirados das montanhas do interior e trocavam por armas portuguesas, tecidos e materiais de ferro (MAXWELL, 2020). No início, a influência dos portugueses nos timorenses era pequena, pois grande parte dos moradores residiam em pequenos vilarejos no interior onde a agricultura era a base de subsistência do povo (MAXWELL, 2020).

No fim do século XVI, frades dominicanos portugueses definiram uma missão partindo do principal porto para o sândalo, passado um tempo, os portugueses começaram a habitar e a se fixar na ilha. A partir dessas iniciativas, a cultura portuguesa com o tempo começou a ser expandida na região (SANTANA, 1997). Antes dos portugueses chegarem em Timor, eles souberam que o sudeste asiático possuía especiarias nas ilhas e que não era dominada pelos muçulmanos, assim eles conseguiram identificar uma boa oportunidade de comercialização (GALDINO, 2012).

A empresa colonial portuguesa começou no reinado de D. João II e permaneceu no reinado de D Manuel VII, e tinha como liderança neste empreendimento o navegador Vasco da Gama (GALDINO, 2012). Ocupar as ilhas do sudeste asiático, quer dizer, realizar o objetivo político e econômico português, baseado em sua lógica de expansão. Portugal teria acesso ao Oriente e ficaria mais independente dos venezianos e genoveses que tinham um domínio comercial nos produtos orientais na Europa (GALDINO, 2012). O sândalo timorense era um dos grandes motivos para os portugueses realizarem essa viagem, pois o sândalo é uma madeira nobre, e naquele período era utilizado para desenvolver móveis de luxo e perfume. Os povos da ilha eram organizados em pequenos grupos e recebiam bem os portugueses (LOUREIRO, 2001).

Figura 1 – Árvore do Sândalo



Fonte: Timor Agrícola

No decorrer dos 300 anos de colonização, Portugal priorizou suas outras colônias e deu pouca atenção para o Timor-Leste. No fim do século XIX, isso mudou devido aos interesses de Portugal em querer ampliar o seu poder econômico e proteger suas colônias de países que ampliaram seus impérios como a Inglaterra, Alemanha e a França. Procurando gerar uma fonte de renda em suas colônias, Portugal começou a estimular no Timor-Leste um crescimento econômico e social. Porém, em determinados momentos, suas estratégias eram muito opressoras devido ao trabalho forçado de colheitas comerciais que eram realizados, na construção de infraestruturas no local e a cobrança de impostos por pessoa (SANTANA, 1997).

2.3 Portugal Estabelecido no Timor

Com as demandas geradas com o desenvolvimento que Portugal passou a aplicar no Timor-Leste, Portugal criou uma elite nativa urbana que ocupou os novos cargos administrativos. Esses pequenos investimentos no Timor-Leste foram interrompidos no decorrer da segunda guerra mundial (MAXWELL, 2020). Com a permissão de patentes de muitos reinos na ilha, acarretou em conflitos internos, a hierarquia e a representatividade foram descentralizadas gerando um ambiente para as divergências entre os reinos (GALDINO, 2012). De acordo com Magalhães (2001) em vários clãs timorenses ocorreram revoltas contra o domínio dos portugueses no local, entretanto, esses movimentos tinham

relação com os poderes dos liruais (reis) com relação ao governo dos reinos que estavam relacionados. Posteriormente, foi criado um governo com uma administração autônoma, isto é, diferente da administração da Índia, porém, essa mudança não mudou a situação do leste timorense (GALDINO, 2012).

A estruturação administrativa do Timor-Leste até o século XIX tinha características específicas, pois como não havia uma definição concreta do que era ocupado no território, tal situação não permitia que a administração dos portugueses fosse direta e com chefes locais. Então, por esse motivo, os chefes locais lideraram a província, e esse modelo de administração do território foi aplicado até o final do século XIX (GALDINO, 2012).

Figura 2 - As meninas de Bordallo Pinheiro



Fonte: A paródia

Na ilustração acima do artista português Bordallo Pinheiro de 1902, Portugal é representado como um idoso decrépito carregando um exemplar de os lusíadas de Camões. O título da arte é “As meninas”, o talentoso artista desenha as colônias portuguesas representada nas mulheres da esquerda para direita: Índia, Macau, Timor, Moçambique e Angola. Os dois senhores da direita interessado nas meninas são a Inglaterra e a Alemanha. Nota-se como a

menina timorense exposta na imagem tem uma compleição menor de que suas irmãs. Seria o tamanho da importância que Portugal tinha pela região? Talvez, mas notamos que ela é a menor das irmãs e está mais próxima do velho português.

2.4 Portugal e o Timor pós-colonial

No período pós-colonial, o vínculo entre Portugal e o Timor-Leste foi bem específico em comparação com as outras ex-colônias portuguesas por conta da invasão da Indonésia que ocorreu no território timorense entre os anos de 1975 a 1999. Referente a ocupação da Indonésia, Portugal sempre se posicionou contra e sempre fez denúncias como violação dos princípios da Carta da ONU e dos direitos do povo timorense. Durante quase um século, todos os governos portugueses mantiveram o mesmo posicionamento em várias frentes como a Assembleia Geral e o Conselho de Segurança da ONU (CSNU), Comissão dos Direitos Humanos, Tribunal Internacional de Justiça (TPI) e a diplomacia da Indonésia (TELES, 2004).

Figura 3 Massacre de Santa Cruz



Fonte: diário de notícias

Na década de 1980, por meio de ofícios do SGNU (Secretário geral das Nações Unidas) Javier Pérez de Cuellar, os ministros que atuam na área de negócios estrangeiros dos países começaram a se reunir com frequência (CES, 2018).

A adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1985, permitiu-lhe também influenciar as relações da Comunidade com a Indonésia, devido ao poder de veto sobre determinadas decisões (Gorjão, 2001). Após o Massacre de Santa Cruz, em 1991, as negociações ganharam um outro ímpeto com uma grande pressão sobre a Indonésia para se encontrar uma solução (CES, 2018).

O massacre de Santa Cruz foi um evento divisor de águas para divulgar os crimes contra os direitos humanos que estavam a ocorrer em Timor. O lamentável acontecimento aconteceu em 1991 quando milhares de jovens acompanhavam o funeral de Sebastião Gomes pertencente à resistência timorense e morto pelas forças indonésias. Simplesmente os militares indonésios abriram fogo contra as pessoas que estavam no cemitério de Santa Cruz, morreram centenas de timorenses e o evento foi filmado pelo cinegrafista Max Stahl.

Figura 4 – Repercussão na imprensa.



Fonte diário de Notícias

Considerada como um assunto de grande relevância para os portugueses, a situação timorense tornou-se prioridade na política externa portuguesa no governo António Guterres (GOVERNO DE PORTUGAL, 1995). Os presidentes da Assembleia Geral das NU e do CSNU, junto com Jaime Gama Ministro de relações Internacionais de Portugal, em 1998, criaram oportunidades para intensificar o diálogo a respeito dos problemas timorenses (FREITAS DO AMARAL, 2014). As ações diplomáticas dos portugueses tiveram apoio da

própria população portuguesa, que criou alianças transnacionais e ganhou espaço em outros países e organizações internacionais. Portugal manteve uma diplomacia no decorrer de décadas, e recebeu refugiados timorenses que chegavam de outros países sem restrição alguma (CES, 2018).

Em maio de 1999, os acordos tripartites liderados pela SGNU, tiveram como resultado os Acordos de Nova Iorque. Portugal cria a Comissão para apoiar a transição do Timor-Leste com o propósito de liderar as atitudes relacionadas com os sistemas de consulta e transição (MNE, 1999).

A presença das NU iniciou-se, em 1999, com a United Nations Mission in East Timor - UNAMET para apoiar o exercício de voto, que resultou em 78,5% a favor da independência de Timor-Leste (Governo de Timor-Leste, 2018). O anúncio dos resultados desencadeou uma “política de terra queimada [no país], sob o comando do Exército Indonésio” (S/1999/976) e a degradação das condições no território forçou a UNAMET a retirar-se para a Austrália. Perante esta situação, o CSNU aprovou a criação da International Force for East Timor - INTERFET (1999-2000), uma missão multinacional organizada e liderada pela Austrália para responder à situação humanitária e de segurança existentes em Timor-Leste (CES, 2018).

No começo houve uma certa resistência em permitir que Portugal se envolvesse nas negociações que estavam em andamento, da mesma forma das missões no terreno, por ser outro interessado no processo (PALMAS, 2005), como ex-potência colonizadora. Alguns dias depois que a INTERFET começou a interferência, em setembro de 1999. Portugal resolveu planejar uma provável participação mandando a fragata Vasco da Gama até a Austrália/Timor-Leste e formou uma equipe com à Austrália (MDB, 1999b). O envolvimento português foi uma exigência timorense, que acreditava que Portugal deveria estar comprometido para resolver o problema, e auxiliando com forças de segurança (Lopes, 2015).

É perceptível que a sociedade portuguesa queria o envolvimento do governo português nas causas timorenses, segundo pesquisa, quase dois terços da população portuguesa apoiava a causa de missões internacionais, principalmente de questões das antigas colônias como Angola, Moçambique e Timor-Leste (CES, 2018). Como Portugal é um país com pouco território, está distante geograficamente e os seus recursos são limitados, isto se

refletiu como insucessos de Portugal em auxiliar o Timor-Leste a ter independência plena e a conseguir uma consolidação plena no país (CES, 2018).

O envolvimento português nesta causa não ficou apenas no envio de efetivos, participando na constituição das forças de segurança timorenses, assim como auxiliando nas tomadas de decisão e na governança do setor de segurança. Todo esse esforço foi bem aceito pelo governo timorense. Portugal parecia estar muito compromissado com a causa referente a programas de reabilitação e constituição do país. Os portugueses participaram da Conferência Doadora em Tóquio em 1999 que desenvolveu o “Trust Fund”, foi criada com o objetivo de arrecadar dinheiro para auxiliar o Timor-Leste (FREITAS DO AMARAL, 2014). Essas ações era uma forma de Portugal manter sua posição e prestígio que possui ao longo de 24 anos, e o Timor-Leste, era o país que mais recebeu auxílios portugueses para se desenvolver (CES, 2018).

Figura 5 O flautista de Hammelin de Lito Sousa.



Fonte africacartoons

2.5. As línguas em Timor-Leste

Um assunto que viera à tona para os portugueses no decorrer do período de intervencionismo foi a questão da língua em Timor-Leste, depois que as coisas começaram a voltar a normal no território, era uma das pautas da política externas dos portugueses (PRES. REPÚBLICA, 2012). O auxílio dos portugueses no decorrer das missões NU no território, que ocorreu antes da independência e depois no Timor-Leste, em 2002 foi considerada a mais importante e envolveu outras áreas como educação, segurança, justiça e administração pública (ANTÔNIO, 2022).

Um dos assuntos em que Portugal se esforçou para colocar em pauta foi reconhecer na Assembleia Constituinte do Timor-Leste a reintrodução da língua portuguesa no Timor-Leste. Isto foi tentado por meio de projetos do Instituto Português que auxilia no Desenvolvimento (IPAD), hoje Instituto Camões (IC), e por outras atitudes paralelas as outras responsabilidades que o país assumiu nomeando à formação das F-FDTL (Forças de defesa de Timor-Leste) em 2006, da PNTL (Polícia Nacional de Timor-Leste) (ANTÔNIO, 2022). A definição das línguas oficiais em Timor-Leste foi uma das pautas mais debatidas nas políticas interna do país, pois algumas elites específicas falavam o português, em contrapartida, agregar mais uma língua alternativa ao bahasa era uma das prioridades (WALLIS, 2012). Essa discussão permaneceu e haviam muitos posicionamentos a respeito da definição da língua oficial. De um lado haviam os que queriam o tétum como única língua oficial do país e que também tinha muitas concepções da língua portuguesa, inglesa e do bahasa (ANTÔNIO, 2022). Uma parte da população queria a permanência, principalmente os mais jovens, que se sentiam mais prejudicados com a definição de uma língua oficial que os retirava do mercado de trabalho, e esse problema foi perceptível depois (TAYLOR-LEECH, 2011).

Desse modo, as línguas que predominavam no Timor-Leste e que estavam em discussão para ser oficial eram o bahasa que era falado no Timor, o tétum que é a língua nacional e o português. Os portugueses estavam tentando inserir no país como oficial. E a Assembleia Constituinte determinou que as línguas oficiais seriam o Tétum e o Português, ignorando o inglês e o Bahasa como línguas no trabalho. Portugal estava ativamente envolvido na estruturação da F-FDTL desde o começo, além do apoio logístico, na constituição das futuras forças Armadas timorenses, e acrescentou nas forças militares o ensino da língua portuguesa (ANTÔNIO, 2022).

No judiciário, depois de um tempo permanecendo as normas mistas do direito indonésio com regulamentações da *United Nations Transitional Administration in East in East Timor* (UNTAET), aos poucos foram realizadas as reformas judiciais que eram precisas para estabelecer a legislação nacional do Timor-Leste (ANTÔNIO, 2022). Portugal auxiliou nesta etapa por meio de protocolos entre os Ministérios da Justiça dos dois países, projetando as reformas legislativas e constituindo o quadro jurídico timorense (CAMPOS, et. al., 2004).

Desde 2000, um dos objetivos de Portugal era reintegrar a língua portuguesa por meio do Projeto de Reintegração da Língua Portuguesa (PRLP), e contratar docentes de língua portuguesa para lecionar o idioma no Timor-Leste e capacitar os professores do país (ANTÔNIO, 2022). O projeto inicial de ensino da língua portuguesa foi preparar os estudantes timorenses progressivamente para se formar como docente timorense, entretanto, apenas 10% desses docentes foram aprovados para lecionar a matéria (ANTÔNIO, 2022). O Programa Indicativo de Cooperação (PIC) do ano de 2000, tinha como pautas prioritárias, contratar docentes de português para ensinar e reintegrar a língua no país, e alocar 350 estudantes timorenses que receberam bolsas em universidades portuguesas e formar uma parceria entre as universidades portuguesas e a Universidade Nacional do Timor-Leste (UNTL). Essas estratégias foram sendo utilizadas até 2007 com os mesmo fundamentos e semelhanças (IPAD, 2011).

Do Ano de 2004 até 2010, a taxa literária na população de idades entre 15-24 anos, o conhecimento em língua portuguesa aumentou de 17,2% para 39,3% (Suktl, 2010). O censo realizado em 2010 apresentou que 25,2% da população sabia ler, escrever e falar português, esse número era maior que a o da língua inglesa que foi de 14,6%, porém, ficou muito atrás da bahasa que foi de 45,3% (NSD-UNFPA, 2011). Um dos acordos formados entre Portugal e o Timor-Leste foi a criação de uma Escola Portuguesa que iria atuar como um auxílio a um grupo de escolas que eram referencias e que foram construídas em diferentes distritos do país (ANTÔNIO, 2022).

O MEP também criou estratégias para agregar a língua por meio da leitura, criando uma estrutura de bibliotecas escolares para ampliar a divulgação da literatura portuguesa que está inserido no projeto “Ler + Timor-Leste” (MEP, 2010).

Ao mesmo tempo, as medidas portuguesas sofreram algumas críticas com os seus projetos de implementação e medidas que estavam sendo realizadas pelo governo português,

uma delas era as instabilidades das atitudes de cooperação realizadas por Portugal (ANTÔNIO, 2022).

No que se refere à geração mais velha, existe um pedido para a criação urgente de cursos, ministrados em regime pós-laboral, para adultos. Uma larga faixa da população, que hoje se encontra no ativo, não possui o conhecimento necessário de português para poder entrar no mercado de trabalho. Alguns cursos que eram ministrados foram interrompidos abruptamente, e apenas algumas ações de cooperação, não estruturadas e dependentes de outras instituições governamentais, que não o IPAD-IC, ou ONGs portuguesas, foram permitindo uma certa continuidade (ANTÔNIO, 2022, p.20).

Para promover a língua pela mídia, a apreensão estava na reestruturação do conteúdo, e seria divulgado via radiofónica e televisiva em português. Como alternativa para solucionar essa questão, foram criados programas de entretenimento para a educação infantil, notícias ministradas em português, por meio da RTP Internacional para que a língua seja mais divulgada e consolidada no país (ANTÔNIO, 2022). Nos projetos iniciais, Portugal estava priorizando o ensino do português como língua materna, entretanto, este ensino precisa estar envolvido com a formação do Tétum, e Portugal passou a criar manuais escolares bilíngues não apenas para a língua, mas também para as outras disciplinas como matemática e ciências (ANTÔNIO, 2022). Alguns timorenses acreditavam que a divulgação da língua portuguesa poderia acontecer na CPLP, que envolve o empenho da comunidade, evitaria repetição dos meios de comunicação e entre doadores e receptores, dessa forma, sua política seria mais sistematizada para promover a língua e implementar a língua portuguesa com mais eficácia no país (ANTÔNIO, 2022).

Figura 6 – Mapa do Timor-Leste.



Fonte: Portugaldigital

3. O CENÁRIO POLÍTICO E A INVASÃO

Depois da revolução dos Cravos que ocorreu no dia 25 de abril de 1974 e gerou o fim do Estado Novo e a efetivação do regime democrático em Portugal, os anos posteriores foram de instabilidade política no país (ANTÔNIO, 2022). No começo dos anos de 1970, um grupo de oficiais que estavam insatisfeitos com a guerra colonial que já estava durando muito tempo, e cobraram o regime português para que encontrasse uma solução para este problema que era o conflito ultramarino. Como não foram encontradas alternativas para resolver esse problema, em 1973, os capitães começaram a preparar um golpe de Estado que terminaria com o regime fascista português (FERREIRA, 2000). Este movimento das Forças Armadas (MFA) aboliu as estruturas fascistas e estabeleceu como objetivos promover um regime democrático em Portugal e a paz na guerra ultramarina.

(Portugal, Lei 3/74) A 27 de junho desse mesmo ano, o MFA viria a esclarecer o programa que estava a colocar em prática, declarando que Portugal se comprometia com a Carta das Nações Unidas, portanto com o direito dos povos à sua autodeterminação, como mencionou no Art. 2: “O reconhecimento do direito à autodeterminação, com todas as suas consequências, inclui a aceitação da independência dos territórios ultramarinos (...).” (Idem, Lei 7/74), (ANTÔNIO, 2022, p. 8).

Entretanto, a descolonização portuguesa foi em grande parte, pouco organizada, e como resultado de sua permanência, ocorriam conflitos civis em territórios descolonizados. O que colaborou para este cenário foram as instabilidades políticas em Portugal no período do pós-revolução e os cenários da Guerra Fria que cooperaram para a continuidade de conflitos entre apoiadores da URSS e dos EUA nos territórios. Em 1963, a Guiné portuguesa entrou em conflito com Portugal e isto afetava diretamente a segurança na África. Assim como ocorreram conflitos na Angola e Moçambique em 1971 (MELLO, 1974).

No Timor-Leste, considerada a Lei 7/74, começaram a ser criados os partidos políticos. Os partidos políticos criados eram a Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente (FRETILIN), a União Democrática Timorese (UDT) e a Associação Popular Democrática Timorese (APODETI).

Neste período, a FRETILIN e a UDT se uniram politicamente para requerer de Portugal a independência do Timor-Leste, entretanto, tendo uma grande vitória nas eleições locais a pedido da FRETILIN, tendo em média 90% dos votos. A UDT rompe a aliança com a FRETILIN que se torna radicalmente de esquerda (ESCARAMEIA, 2001). Após a separação desses partidos políticos ocorreram confrontos entre os dois. A partir desse

momento, Portugal enviou uma carta ao Secretário Geral das Nações Unidas relatando não ter capacidade para resolver essa situação no território. A declaração de solicitação de independência do Timor-Leste foi realizada pela FRETILIN no dia 28 de novembro de 1975. Ao mesmo tempo, manobras militares indonésias estavam sendo realizadas e anexadas no território (CAVR, 2006).

Figura 7 – Bandeira da FRETILIN



Fonte: timoragora

Figura 8 – Bandeira do Timor-Leste



Fonte: Unilab

Após a descolonização, em 1974, iniciou a formação de associações políticas timorenses, e os principais partidos eram três: a União Democrática Timorense (UDT, a Associação Social Democrata Timorense (ASDT) e a Associação Popular Democrática Timorense (Apogeti). A UDT, criada em 1974, tinha como bandeira a independência contínua do Timor-Leste e a conservação do vínculo com Portugal. A ASDT, também foi criada em 1974, e possuía duas correntes, uma ponderada e outra mais defensora de princípios da social-democracia e outra mais radical, que no dia 11 de setembro de 1974, se torna a Frente Revolucionária do Timor-Leste Independente (Fretilin) que tem como objetivo, a busca pela independência e para alcançar este propósito procuram apoio popular. E a Apodeti, junto com os outros dois partidos, foi criada em 1974, tendo o apoio de autoridades indonésias, estes, eram favoráveis a integração do Timor-Leste à Indonésia (CUNHA, 2001).

As NU não reconheceram a declaração, e continuaram reconhecendo Portugal como administrador do território (MCCLOSKEY, 2000). A argumentação da Indonésia em anexar o Timor-Leste era o perigo do comunismo que estava sendo espalhado na Ásia. No início a Indonésia relatou que não estava interessada em invadir o Timor-Leste, e mostrava -

se como um país dos Movimentos dos Países Não Alinhados , mas não tinha como prever que com o apoio dos EUA, a invasão iria ocorrer (ANTÔNIO, 2022).

Numa reunião, em 1974, entre o representante da ASDT (antiga-FRETILIN), Ramos-Horta e o então ministro dos negócios estrangeiros indonésio, Adam Malik, este último referiu que o governo indonésio não tinha qualquer pretensão em anexar o Timor português, visto que este se tratava de um território que pertencera a Portugal, não fazendo parte das antigas possessões holandesas (LEITÃO, 2022, p. 10).

Os EUA que já se envolveram em outras derrubadas como de Sukarno na Indonésia, e apoiaram Suharto na perseguição de comunistas indonésios entre os anos de 1965-1966, também deram aval às operações militares indonésias em uma visita oficial do presidente Ford e Henri Kissinger a Jacarta em 1975, que abordaremos mais adiante. (SCHEINER, 2000).

A derrubada do governo de Sukarno, começou quando ele se desligou de todas as ligações que tinha com o ocidente por entender que o grande entrave para conquistar realmente a independência do seu país era a política externa dos países desenvolvidos. Com o ingresso da Malásia como membro rotativo do Conselho de Segurança, a Indonésia se retirou totalmente da organização (SCHWEB, 1967). Com esta tomada de decisão, os militares acreditavam que Sukarno iria apoiar os comunistas. Os EUA ainda tinham uma relação com o exército indonésio. No seu discurso em 1964, Sukarno apresenta a criação do eixo Jakarta-Pequim-Phnom e Pen-Hanoi-Pyongyang, se unindo em definitivo na luta contra o imperialismo junto com o Marxismo.

Após esses episódios, mesmo as lideranças da PKI se unindo com Sukarno, ele não tinha mais forças para impedir as ações do General Suharto em utilizar a Kostrad (comando de reservas estratégicas do exército) para controlar a situação. Com uma indefinição política e com o apoio dos islamitas e da embaixada americana, iniciou-se uma caça aos comunistas no país sendo considerada uma das maiores chacinas do século XX (PAUKER, 1969). Desse modo, Suharto assumiu o governo em 1967, a PKI que era a base do regime de Sukarno foi extinta, assim como o projeto nacionalista, e o nacionalismo do exército e o islamismo se tornaram as únicas forças políticas importantes no país. Neste contexto, o nacionalismo do exército foi incorporado para aplicar a sua política externa e sua própria agenda que era muito diferente do que Sukarno defendia.

A Indonésia estava se preparando para invadir o Timor desde 1974 tendo o apoio da APODETI, a operação Komodo, que tinha como propósito anexar a antiga colônia portuguesa, com qualquer meio que fosse necessário, entretanto, a resistência dos timorenses foi muito grande (DUNN, 1995). Foi realizada uma campanha de comunicação anti-FRETILIN para alcançar toda a população, mesmo tendo uma eficácia diminuída, com o apoio e convencimento da UDT de que era preciso a intervenção da Indonésia para conter a ameaça comunista, com a atuação da APODETI e a relação com o exército indonésio, foi assinado no dia 30 de novembro de 1975 a Proclamação de Balido, descrita pela UDT, APODETI e KOTA (ANTÔNIO, 2022).

As primeiras iniciativas de invasão da Indonésia no Timor-Leste, começaram em 1975. Após realizarem uma assembleia que tinha como membros apenas os da UDT e da APODETI, o Comitê da ONU de Descolonização foi completamente contra a anexação, e em 1999, o Timor-Leste ficou considerado como território não autogovernado na lista de descolonização (MCCLOSKEY, 2000).

Um dos motivos que levou a Indonésia a invadir o Timor-Leste foi a descolonização portuguesa que ocorreu de qualquer forma e sem compromisso – versão Indonésia. O que também preocupava era a ideologia que estava se propagando no Timor. Fato determinante para a invasão da Indonésia no Timor-Leste, foi o clima de guerra fria com a revolução portuguesa e as incertezas que ocorriam quanto a que lado ideológico iria se sobressair no Timor-Leste (ALMEIDA, 2013). A Indonésia passou a conviver com os conflitos de guerra civil. O confronto ocorria por meio dos grupos FRETILIM e da UDT. Suas ilhas foram invadidas por refugiados do Timor-Leste. A Indonésia pediu para que Portugal voltasse a controlar o Timor-Leste, porém a independência proclamada pelos integrantes da FRETILIN não tornou possível soluções pacíficas (ALMEIDA, 2013). Dessa forma, a Indonésia interveio no conflito que estava ocorrendo no Timor devido ao temor ao comunismo e colocaram um governo provisório com a tomada da capital no dia 7 de dezembro (ALMEIDA, 2013).

3.1 Fatores que contribuem ao entendimento

O conflito em Timor no último quarto do século XX é mais um capítulo da chamada guerra fria, mas que no caso em Timor a guerra era eminente e cotidiana na vida dos timorenses. Precisamos compreender e localizar este período da história para a continuidade deste trabalho.

O início da Guerra Fria começa com o término da Segunda Guerra Mundial. Geralmente quando uma ordem internacional hegemônica e suas estruturas de equilíbrio de poderes são derrubadas, como consequência, sempre gera algum conflito. E isto ocorreu na relação entre EUA e a União Soviética com um termino que aconteceu de forma repentina gerando tensão, suspeitas e rivalidade entre as duas potencias (MCMAHON, 2012).

Os motivos que originaram a Guerra Fria de um modo geral, foram os contextos históricos, os governos e ideologias divergentes dos EUA e da União Soviética que transformaram as tensões em um grande conflito de quatro décadas que ficou conhecido como Guerra Fria (MCMAHON, 2012).

A Segunda Guerra Mundial enfraqueceu os países colonizadores, principalmente França e Inglaterra, tornando-se caro manter suas colônias na África, na Ásia e no Oriente Médio. Apesar de se declarar anticomunista, a maioria dos novos Estados não se alinhou a nenhuma das potências hegemônicas e, dessa forma, esse novo conjunto de países – que juntos eram mais da metade do mundo – era chamado de “terceiro mundo” (no primeiro mundo se inseriam os países aliados aos EUA; no segundo mundo, os países aliados à URSS), (Figliano, 2016, p. 6).

Na Guerra Fria, o objetivo era conseguir apoio e influência, porque uma potência que tinha hegemonia, era considerada uma ameaça a outra, porque ambas possuem armas nucleares. As circunstâncias geradas depois da Segunda Guerra Mundial se constituíam de forma contínua e as potências precisavam manter suas influências para atrair mais Estados para o seu posicionamento e aliados.

Para o historiador Eric Hobsbawm, a Guerra Fria está contida em um curto período e que intitulou como “breve século XX”, que ocorreu entre os anos de 1914 no começo da primeira Guerra Mundial até 1991 com a dissolução da URSS. A Guerra Fria começou depois

da Segunda Guerra Mundial e como características haviam algumas disputas entre EUA e a URSS em áreas nos campos tecnológicos-militar e ideológico (FIGLINO, 2016).

Os sistemas econômicos dessas potências eram bem diferentes, os EUA são fundamentados em um sistema capitalista neoliberal que preza pelo individualismo e pela liberdade. A URSS, tem como fundamento um sistema socialista que preza pela coletividade e igualdade. Conforme essas duas potências foram se contrariando, naquele período era possível imaginar um suicídio mútuo de uma guerra nuclear (HOBBSBAWN, 1999). De acordo com MORGENTHAU (2003), os estados agem de forma pragmática no sistema internacional por dois motivos, nas relações entre estados ninguém confia em ninguém, pois cada um busca o próprio benefício individual e no sistema internacional não há uma instituição supranacional que controle as atitudes dos Estados, pois o sistema tem como características a anarquia.

Outra forma de ganhar poder é por meio do prestígio ideológico, pois durante a Guerra Fria, as mensagens socialistas estavam em evidência e muitos países africanos que estavam sendo descolonizados, passaram a adotar o regime socialista como forma de governo, isto depois da derrota dos EUA no Vietnã e ao mesmo tempo, como no caso das antigas colônias de Portugal: Moçambique, Angola e Timor Leste, respectivamente com, FRELIMO, MPLA, e a FRETILIN.

No decorrer dos anos de 1958 a 1962, ocorrem uma série de sequências sem antecedentes do confronto Leste-Oeste e que envolve estratégias de guerra nuclear. Em 1958, ocorreu uma intervenção americana secreta na Indonésia, este ocorrido foi um golpe de estado que culminou em muito derramamento de sangue. (MCMAHON, 2012).

Assim como em outros países, desde o final dos anos 50 até o início dos anos 60, as duas potências polarizadas rivalizaram através de suas visões de mundo apoiando os governos que defendiam suas ideias e que poderiam ser aliados como no Vietnã do Sul (MCMAHON, 2012).

Durante o final dos anos 50 e início dos anos 60, a Indochina também tomou a flamejar como uma região de grande conflito. No Vietnã do Sul, o regime de Ngo Dinh Diem, apoiado pelos americanos, combatia uma insurgência de ampla base dirigida pela Frente de Libertação Nacional que, com forte apoio do Vietnã do Norte comunista, ameaçava a sobrevivência do governo. Em 1961-1962, Kennedy aumentou significativamente a assistência militar a Diem, despachando bem mais de 10.000 conselheiros americanos numa tentativa de ajudar a esmagar as assim chamadas guerrilhas "Viet Cong", que

a essa altura controlavam cerca de metade do território e da população do Vietnã. Enquanto isso, o Pathet Lao, liderado pelos comunistas no vizinho Laos, com apoio logístico do Vietnã do Norte e da União Soviética, parecia prestes a escalar o poder em Vientiane (MCMAHON, 2012, p. 101).

Em 1963, os EUA e a União Soviética assinaram um que proibia de forma limitada os testes, exceto os testes nucleares subterrâneos e depois com uma resolução na ONU proibiram armas nucleares a partir do espaço (MCMAHON, 2012). A Guerra Fria teve um fim com a assinatura de um tratado que selou o fim da Guerra Fria e começando a derrocada da URSS. A complexidade da Guerra Fria foi o que derrubou a URSS e não o confronto (HOBSBAWNM, 1999).

Para Kissinger, secretário de Estado americano do período da invasão da Indonésia no Timor, a Guerra Fria significou o fim do sistema de acordos flexíveis da Segunda Guerra Mundial. Isto se modificou no cenário internacional devido aos interesses diferentes dos vencedores. Por definir a URSS como uma ameaça ideologia na política externa, para o capitalismo e a humanidade, além de possuírem armas nucleares, a política externa americana procurou parar o socialismo de forma estratégica e universalizar os valores americanos que estão ligados à liberdade e à democracia (FIGLINO, 2016).

3.2 Bandung e o movimento dos não alinhados

A partir da Conferência de Bandung em 1955, foram geradas novas conexões de cooperação entre os países asiáticos e africanos no decorrer da era colonial e pós-colonial, muitas pesquisas foram publicadas e muitas conjunturas foram lançadas com o intuito de entender os sentidos das iniciativas e suas consequências para os possíveis cenários estatais e regionais, além do sistema internacional. A respeito da regionalização na Ásia do Leste, poucos estudos foram elaborados para compreender as heranças de Bandung que norteiam e influenciam as relações interestatais na região e contemporaneidade (SIMÕES, 2021).

A Conferência ocorreu entre os dias 18 e 24 de abril de 1955 em Bandung, na Indonésia, sendo a primeira grande Conferência afro-asiática ocorrida, envolvendo 29 países asiáticos e africanos e em sua maioria. Esta conferência foi organizada por Birmânia, Ceilão, Indonésia e Paquistão, tendo como coordenador Ruslan Abdulgani, secretário-geral do Ministério de Relações Exteriores da Indonésia (INDONÉSIA, 1955). A conferência realizada

em 1955 em Bandung na Indonésia, possuía o intuito de debater alguns assuntos como cooperação econômica, autodeterminação e descolonização. (SIMÕES, 2021).

O encontro entre os líderes africanos e asiáticos proporcionaram a chance para dar voz a pessoas que eram silenciadas e que pudessem ser ouvidas de forma igualitária, sem imposições entre estados hegemônicos em questões políticas e econômicas (SIMÕES, 2021). Os principais objetivos com a Conferência eram possibilitar a cooperação econômica e cultural afro-asiática e se opor contra o colonialismo ou ao neocolonialismo em qualquer Nação (ESPÓSITO, 2020).

A Conferência de Bandung tornou-se um dos movimentos mais importantes dos países de Terceiro Mundo. Fato que ocorreu no começo da Guerra Fria e o movimento demonstrava uma postura geopolítica equidistante dos países centrais e das grandes potências (BRESSAN E SALLES, 2015). A Conferência Afro-Asiática de Bandung mostrou a primeira imagem política emergente dos novos países independentes no cenário mundial que era contra o imperialismo europeu, do qual em pouco tempo, tinham conquistado sua liberdade, e contra iniciativas neoimperialistas que os EUA e a União Soviética mostravam no começo da Guerra Fria (BRESSAN E SALLES, 2015). Os discursos e entendimentos na conferência, possibilitaram que este dia fosse um símbolo de aproximação entre países e em prol da descolonização e continuidade das liberdades que a pouco tempo foram adquiridas por meio das etapas de independência nacional (AMPIAH, 1997). Esta conferência ocorreu no decorrer das tensões entre EUA e a União Soviética, e com menor intensidade com a China. E ao mesmo tempo, ocorriam movimentos nacionalistas e de resistência popular ao imperialismo e relações de dependências nos países europeus (SIMÕES, 2021).

Os Estados Unidos receavam que a conferência fosse instrumentalizada pela China para aumentar o prestígio dos comunistas entre os países que ainda não haviam formalmente se comprometido com o bloco ocidental ou com o bloco comunista. Os temores de que a Conferência de Bandung enfraqueceria valores universais, contudo, eram completamente infundados, revelando, na realidade, apreensões afeitas às rivalidades e maniqueísmos geopolíticos do conflito bipolar da Guerra Fria (SIMÕES, 2021, P. 6).

A origem das relações não coercivas e não legalistas entre Estados, está fundamentado na informalidade e no consenso, pois isto teve grande influência da Conferência de Bandung (ACHARYA, 2016). Os princípios de Bandung, agregam princípios da Carta das Nações Unidas e do acordo de Panchasheel. Na declaração, consta que os países

deveriam ter o direito de escolher livremente seus sistemas políticos, econômicos e estilo de vida, conforme os princípios da Carta das Nações Unidas. E sem desconfianças, os países precisavam colocar em prática a tolerância para viverem juntos e em paz uns com os outros, como vizinhos de bem e criar uma cooperação amigável (INDONÉSIA, 1955).

Em meio à crise asiática, mesmo tendo um catalisador de cooperação econômica entre a ASEAN e as potências do Nordeste Asiático, como resultado e influências da Conferência de Bandung, isto possibilitou a retomada dos valores de solidariedade e cooperação entre os países (KIM, 2004). A conferência foi um passo importante para os países que não estavam alinhados, pois os princípios estabelecidos, seriam primordiais para a declaração de Belgrado, documento resultante da primeira (Cúpula dos Chefes de Estado ou de Governo dos Países não-alinhados” e para os movimentos atuais (SiNGHAM & HUME, 1987).

Esta resistência anticolonial era formada por novos Estados independentes, asiáticos e africanos, e todos partilhavam seus problemas singulares e parecidos que foram herdados de um passado colonial que era recente. Embora alguns países defendessem alguma aliança com a esfera ocidental, a grande maioria dos países do MNA(movimento dos não alinhados) procuravam as potências de viés socialista, porque grande parte das potências ocidentais ainda estava presente nas metrópoles dos países recém independentes (BRESSAN E SALLES, 2015). Os novos países criaram projetos que tornavam o imperialismo um crime contra a humanidade e suscetível de ser julgado por um Tribunal de Descolonização, mas nunca se concretizou (BRESSAN E SALLES, 2015). Portanto observemos o viés de Sukarno, então presidente da Indonésia e um dos líderes de Bandung e colocamos em contrapartida as atitudes do general presidente Suharto; o primeiro anti-imperialista favorável a cooperação e a paz interna e externa, o segundo o principal responsável pelo genocídio de milhares de timorenses e indonésios. Ora, o movimento dos não alinhados representava um perigo para as potências, especialmente os EUA, se na América os poderosos do século XIX temiam uma haitinização - Haiti que teve uma revolução comandada pelos escravos - o medo neste momento era o comunismo e a revolução.

Na esfera do MNA, foram criadas premissas e propostas por meio de uma Nova Ordem Econômica Internacional (NOEI). O MNA trouxe benefícios para o direito internacional, pois desde a Conferência de Bandung, os países em desenvolvimento reforçaram os princípios de direito internacional vigente para custear suas reivindicações para

garantir uma ampla legitimidade e credibilidade para o Movimento (BRESSAN E SALLES, 2015).

4. AS GRANDES POTÊNCIAS NO CONFLITO

4.1. Os Estados Unidos da América, a Indonésia e o Timor

Os Estados Unidos da América tiveram papel fundamental para a longa permanência da Indonésia no Timor-Leste. Como vimos os EUA estiveram presentes na Indonésia após a independência do país, principalmente com programas de assistência e de treinamento dos militares indonésios; fazendo contraposição ao regime comunista de Sukarno, nacionalista, antimeritocrático, ou seja, representante do perigo vermelho¹. Sukarno é deposto de forma muito similar a Allende no Chile, pelo militar coronel indonésio Suharto. O regime de Suharto foi por muito tempo o representante dos EUA, nesta que é uma região estratégica do sudeste asiático. Em agosto de 1975 o embaixador da Austrália na Indonésia, mandou um telegrama ao ministério do exterior em Camberra, com os dizeres:

Os Estados Unidos poderiam ter alguma influência sobre a Indonésia neste momento, pois a Indonésia realmente quer e necessita da ajuda dos EUA para seu programa de renovação do equipamento militar Mas o embaixador (dos EUA) Newsom me disse, ontem à noite, que recebeu instruções do (secretário de Estado Henry) Kissinger pessoalmente para não se envolver em discussões sobre Timor com os Indonésios, baseando-se no argumento de que os EUA atualmente já estavam envolvidos com problemas suficientes, de maior importância, no exterior ... Sua atitude atual é de que os EUA deveriam se manter fora da situação do Timor português e deixar que os acontecimentos sigam seu curso.²

Figura 9 – Ford e Kissinger na Indonésia de Suharto 06/12/1975.



Fonte fordlibrarymuseum

¹MATTHEW, Jardine. *Timor-Leste-genocídio no paraíso*, et al: SANT'ANNA, Silvio (Org.). **Timor-Leste: este país quer ser livre**. São Paulo: Martin Claret, 1997. Pp.44

²Ibidem Pp.41

Gerald Ford, presidente dos Estados Unidos na ocasião, juntamente com Henry Kissinger, o secretário de Estado, estiveram na Indonésia um dia antes da invasão³. Ambos se pronunciaram a favor da Indonésia, o que foi demasiado importante para a mesma, visto que 90% das armas usadas pela Indonésia na invasão, eram americanas.⁴ A Indonésia e os EUA tinham ao longo do tempo estabelecidos suas relações bilaterais, mas com o viés da manutenção da disparidade, da relação de controle exercida pelos EUA, com interesses no potencial material e consumidor indonésio, palavras parecidas com a que Geoge Kennan, diretor de Pessoal no setor de Planejamento de Diretrizes políticas do Departamento de estado dos EUA, disse, ao perceber que seu país detinha 50% das riquezas no mundo, com apenas 6,3% de sua população⁵. Donald R. Keough, presidente da Coca-Cola em 1992, expõe tal relação: "Quando penso na Indonésia - um país cortado pelo Equador, com 180 milhões de habitantes, uma idade média de 18 anos e a proibição de consumo de álcool - eu me sinto como se soubesse com o que o céu se parece."⁶

Ao longo do genocídio os EUA foram o principal fornecedor de armas da Indonésia e o principal apoiador internacional. Devido à pouca exposição da mídia os cidadãos americanos não se atualizavam a respeito dos acontecimentos em Timor, do mar de crueldades financiados por seu país. O jornal Los Angeles Times é um dos exemplos dessa complacência midiática, que de agosto de 1975 até a invasão, 7 de dezembro, publicou 16 artigos sobre o Timor. Entretanto em março de 1976 até novembro de 1979, época “matança indiscriminada numa escala sem precedentes na história, depois da Segunda Guerra Mundial”⁷, Timor-Leste não foi mais mencionado pelo jornal, e por muitos outros jornais americanos que cobriam o país no período de descolonização, mas depois sofreram de amnésia proposital.

Vejamos o memorando de um encontro entre o presidente Gerald Ford, Suharto e Kissinger em 5 de julho de 1975 Camp David – Maryland. Perceba o “ambiente de guerra fria” nas palavras de Suharto:

³Ibidem Pp.42

⁴Ibidem Pp.45

⁵Ibidem Pp.43

⁶Ibidem Pp.41

⁷ MATTHEW, Jardine. Timor-Leste-genocídio no paraíso, et al: SANT'ANNA, Silvio (Org.). **Timor-Leste**: este país quer ser livre. São Paulo: Martin Claret, 1997. Pp.46

Suharto(...)Se você me permitir, falarei sobre os problemas da Indonésia em nossas lutas pela independência contra o comunismo; vai nos ajudar a entender. Não é a força militar dos comunistas, mas seu fanatismo e ideologia que é o principal elemento de sua força. Para considerar isso, cada país da região precisa de uma ideologia própria para enfrentar os comunistas. Mas uma ideologia nacional não é suficiente por si só. O bem-estar do povo deve ser melhorado para fortalecer e apoiar a ideologia nacional. Pela experiência do Laos e do Vietnã no passado, eles parecem ter esquecido essa ideologia nacional para obter o apoio do povo. Apesar de sua superioridade de armas na luta contra os comunistas, o fator humano não estava lá. Eles não tinham essa ideologia nacional para reunir o povo para lutar contra o comunismo.⁸(tradução do autor)

É notável que Suharto tem em mente os exemplos de Laos e Vietnam para evitar que algo parecido possa acontecer em Timor. Ele então conclui que os comunistas não têm no poderio militar o diferencial, mas sim o “fanatismo e ideologias são os elementos principais de sua força”. E como resposta ao comunismo ele aposta no nacionalismo e em políticas de bem-estar social. O temor do comunismo se espalhar na região era real:

Presidente(Ford): Você se saiu muito bem no controle da inflação. Tivemos problemas nesse sentido, mas agora estamos progredindo. Eu entendo que se você não fizer progresso econômico, haverá o crescimento de uma ideologia comunista na Indonésia.

Suharto: O principal fator é criar uma estabilidade nacional principalmente nos campos econômico e monetário. O papel dos EUA em sua responsabilidade nessa área - os EUA não abandonarão seu papel, mas o papel de assistência americano deve ser revisto, tanto em relação à Indonésia quanto em todo o Sudeste Asiático. Particularmente na assistência e apoio a esses países no estabelecimento da resiliência nacional. Isso ajudaria a criar uma resiliência regional e ajudaria a manter afastado o Comunismo. Mas estamos correndo contra o tempo porque os comunistas estão trabalhando muito nesses países para convertê-los ao comunismo (sobre Laos, Camboja e Vietnã).⁹(tradução do autor)

Suharto mostra-se bem pragmático quando diz: “If the danger becomes greater and the insurgency becomes greater, we will require mobile units to send to these areas to squelch subversion”. Assim, ele clama pela ajuda bélica de Ford e conclui que se insurgisse alguma sublevação no território Indonésio e suas proximidades, eles estariam prontos para aniquilar este movimento logo no início.

Segue o documento deste encontro em que detalha negociações econômicas entre os países, *a posteriori* Suharto introduz a conversação a respeito da descolonização de Portugal no Timor.

Suharto: As conversações já foram conduzidas bilateralmente entre nós. O terceiro ponto que quero levantar é a descolonização portuguesa. Começando com nosso princípio básico, a nova Constituição de 1945, a Indonésia não cometerá agressão contra outros países. Portanto, a Indonésia não usará a força contra o território de outros países. No que diz respeito a Timor, apoiamos a descolonização através do processo de autodeterminação. Ao apurar as opiniões do povo timorense, existem três possibilidades: independência, ficar com Portugal ou juntar-se à Indonésia. Com um território tão

⁸ Memorandum Ford, Kissinger, Indonesian President Suharto - July 5, 1975 - anexo 1.

⁹ Ibidem. pp. 04.

pequeno e sem recursos, um país independente dificilmente seria viável. Com Portugal seria um grande fardo com Portugal tão longe. Se eles querem se integrar á Indonésia como uma nação independente, isso não é possível porque a Indonésia é um estado unitário. Portanto, a única maneira é integrar-se à Indonésia¹⁰.(tradução do autor)

Notamos que não passa pela cabeça de Suharto a possibilidade de Timor ser um país livre independente. Na fala observamos que ele apoia a autodeterminação do povo timorense, ora, desde que para se emancipar de Portugal e inserido na Grande nação Indonésia. Logo em seguida o presidente estadunidense o indaga:

Presidente(Ford): Os portugueses já marcaram uma data para permitir que o povo timorense faça a sua escolha?

Suharto: Ainda não há data definida, mas está convencionado em princípio que os desejos do povo serão atendidos. O problema é que aqueles que querem a independência são aqueles que são influenciados pelos comunistas. Aqueles que desejam a integração à Indonésia estão sendo submetidos a forte pressão por aqueles que são quase comunistas. Os elementos comunistas praticamente sabotaram a recente reunião em Macau. Quero afirmar que a Indonésia não quer inserir-se na autodeterminação de Timor, mas o problema é como gerir o processo de autodeterminação com uma maioria a querer a unidade com a Indonésia. Estes são alguns dos problemas que eu queria levantar neste encontro auspicioso com você.¹¹(tradução do autor)

Portanto Suharto quer agir, lembramos em julho de 1975, antes de maneira ideológica em como administrar um processo de autodeterminação com uma maioria da população optando pela unidade com território Indonésio, a que inicialmente uma intervenção armada. Com o decorrer dos acontecimentos em Timor ele logo agiu pela segunda opção.

Figura 10 Encontro de Ford e Suharto, Camp David, julho de 1975.



Fonte - fordlibrarymuseum

¹⁰ Ibidem. pp. 06.

¹¹ Ibidem. pp 06.

Telegramas diplomáticos são excelentes fontes históricas, por diversas vezes classificados como secretos ou confidenciais e depois de anos quando desclassificados (se forem) carregam consigo conspirações e ações de guerra que por muitos anos estiveram encobertas. Sobre o mortífero encontro de 6 de dezembro de 1975, um dia antes da Invasão Indonésia ao Timor, temos relato após longos anos mantidos sob classificação *secret* as conversas entre Suharto, Kissinger, Ford e Newson. O documento é um memorando desta reunião enviado a Washington por telegrama pelo embaixador estadunidense. Entre tantos outros assuntos interessantes no contexto de guerra fria, novamente o General Presidente Suharto traz à baía a questão Timor:

Suharto – (...)Eu gostaria de falar com você, Sr. Presidente, sobre outro problema, Timor. Quando parecia que o domínio português acabaria em timor, procurámos encorajar os portugueses a um processo ordenado de descolonização. Tínhamos acordo com eles sobre tal processo e reconhecemos a autoridade de seus desejos. A Indonésia não tem ambições territoriais. Estamos preocupados apenas com a segurança, tranquilidade e paz da Ásia e do hemisfério sul. No último acordo de Roma, o governo português queria convidar todas as partes a negociar. Esforços semelhantes foram feitos antes, mas a FRETILIN não compareceu. Depois que as forças da FRETILIN ocuparam certos pontos e outras forças não conseguiram se consolidar, a FRETILIN declarou sua independência unilateralmente. Em consequência, outros partidos declararam sua intenção de se integrar com a Indonésia. Portugal comunicou a situação às Nações Unidas, mas não estendeu o reconhecimento a FRETILIN. Portugal, no entanto, não consegue controlar a situação. Se isso continuar, prolongará o sofrimento dos refugiados e aumentará a instabilidade na área.

Ford- As outras quatro partes pediram a integração?

Suharto- Sim. Após a UDT, a Indonésia se viu diante de um destino consumado. Agora é importante determinar o que podemos fazer para estabelecer a paz e a ordem para o presente e o futuro no interesse da segurança da área e da Indonésia. Estas são algumas das considerações que estamos contemplando agora. Queremos a sua compreensão se considerarmos necessário tomar medidas rápidas ou drásticas.¹²(tradução do autor)

Podemos notar um grande temor de Suharto com a FRETILIN, um temor ideológico que precisaria ser combatido, por mais que ele “não tenha interesses territoriais”, o que parece soar como uma grande hipocrisia. A conversa continua e Kissinger viria falar algo que manifesta bem como ele agia através de sua *realpolitik*.

Ford- Nós entendemos e não o pressionaremos sobre o assunto. Entendemos o problema que você tem e as intenções que você tem.

Kissinger- Você entende que o uso de armas feita nos EUA pode criar problemas.

Ford— Podemos ter problemas técnicos e legais. Você é conhecedor, sr. Presidente, com os problemas que tivemos no Chipre embora esta situação seja diferente. **Kissinger**- Isso depende de como iremos construir isso. Que seja em autodefesa ou em uma operação estrangeira. É importante que tudo que você fizer tenha sucesso rapidamente. Nós podemos influenciar a reação na América se o que acontecer, acontecer depois de retornarmos. Dessa forma haverá menos chance de as pessoas falarem de forma não autorizada. O presidente estará de volta na segunda-feira às 14:00 horário de Jacarta.

¹² Telegram 14946 From the Embassy in Indonesia to the Department of State, December 6, 1975, 1000Z.pp 09. Ver anexo- 3.

Entendemos o seu problema e a necessidade de mudar rapidamente, mas só estou dizendo que seria melhor se fosse feito depois de voltarmos.

Ford- Seria mais convincente se pudesse fazer isso pessoalmente.

Kissinger- Seja o que você fizer, no entanto, nós iremos tentar lidar da melhor maneira possível.

Ford- Reconhecemos que você tem um fator tempo. Nós expressamos meramente nossa opinião, do nosso ponto de vista particular.

Kissinger- Se você fez planos, faremos o nosso melhor para manter todos em silêncio até que o presidente volte para casa. Você prevê uma longa guerra de guerrilha lá?

Suharto- Provavelmente haverá uma pequena guerra de guerrilha. Os reis locais são importantes, porém, estão do nosso lado. A UDT representa antigos funcionários do governo e a FRETILIN representa antigos soldados. Estão infectados assim como o exército português pelo comunismo.¹³(tradução do autor)

Para Kissinger o que importa é o sucesso de uma operação e como ela beneficiará os EUA, as consequências, como a morte de milhares de inocentes, não fazem frente ao sucesso de sua política externa artilosa “nós podemos influenciar a reação na América”(KISSINGER,1975). Vencedor do Nobel da paz pelas negociações do acordo de paz de Paris de 1973. Como diria Émile Zola, *J'accuse* Kissinger como um dos participantes no que veio a desencadear o genocídio de quase um terço da população no Timor-Leste.

4.2. Austrália, petróleo e Genocídio em Timor.

Primeiramente a Austrália condenou a invasão da Indonésia, tanto o primeiro ministro, Fraser quanto o ministro de relações exteriores, apoiando a primeira resolução da ONU sobre independência no Timor. Claramente esta primeira posição deveu-se ao fato do horror que foi a invasão indonésia¹⁴. Em contraposição nos bastidores a Austrália operava outro argumento, em janeiro de 1976, Richard Woolcott, embaixador da Austrália na Indonésia, pronuncia-se a Camberra:

Em relação à questão timorense... estamos enfrentando uma daquelas decisões amplas de política exterior que a maioria das nações enfrenta, num momento ou outro. O governo enfrenta uma escolha entre uma posição moral, baseada na condenação da Indonésia pela invasão de Timor-Leste e na afirmação do direito inalienável do povo timorense à autodeterminação, de um lado, e a aceitação pragmática e realista da inevitabilidade da situação a longo prazo, de outro lado.

É uma escolha entre aquilo que poderia ser descrito como um idealismo wilsoniano e o realismo kissingeriano. O primeiro é mais adequado e baseado em princípios, mas o

¹³ Ibidem. pp10-11.

¹⁴MATTHEW, Jardine. Timor-Leste-genocídio no paraíso, et al: SANT'ANNA, Silvio (Org.). **Timor-Leste**: este país quer ser livre. São Paulo: Martin Claret, 1997. Pp. 47

interesse nacional a longo prazo poderá ser bem servido pelo último. Não acreditamos que seja possível ter ambos.¹⁵

A Austrália começa a agir a favor da Indonésia, pois assim atenderia de melhor maneira o interesse nacional australiano. O primeiro ministro Fraser faz uma série de ações para minar a FRETILIN e reciprocamente a independência do Timor, como por exemplo a tomada de uma rádio difusora em Darwin, que tinha sido usada para comunicação com a FRETILIN e também negou vistos a líderes exilados desse mesmo partido¹⁶. Entre 1975 a 1981 a ajuda militar australiana a Indonésia quase dobrou.

Um texto de 1974, do Departamento de Defesa da Austrália, ressalta a influência americana sobre as políticas internacionais tomadas pelo país: “É desejável... que a política australiana leve em conta os interesses e reações dos EUA, como aliado importante e principal potência na comunidade estratégica ocidental”¹⁷.

Sem dúvidas a posição americana influenciou na posição tomada pela Austrália quanto a questão do Timor, mas economicamente era muito viável ao país de Camberra, apoiar a Indonésia e o genocídio em Timor, muito por conta do Timor Gap, assim explica o embaixador Woolcott sobre a questão:

Todos temos consciência do interesse que tem a defesa australiana na situação do Timor português, mas será que o Departamento se certificou do interesse do ministro de Minas e Energia na situação de Timor? A brecha atual no acordo sobre a fronteira marítima poderia ser negociada muito mais facilmente com a Indonésia... do que com Portugal ou com um Timor português independente. Sei que estou recomendando antes uma atitude pragmática do que uma baseada em princípios, mas é disso que trata o interesse nacional e a política exterior.¹⁸

A Austrália foi uma das primeiras potências ocidentais a reconhecer a soberania da Indonésia, os países chegaram a um acordo sobre o mar de Timor em 1989 e instalando as primeiras companhias de petróleo internacionais. Um infortúnio marcante é a cena de representantes dos dois países comemorando o acordo de 1989 num jatinho, sobre o mar de Timor, brindando os futuros lucros, em cima da opressão e do genocídio sobre os timorenses.

¹⁵ Ibidem Pp.47-48

¹⁶ Ibidem Pp.48

¹⁷ Ibidem Pp. 49

¹⁸ Ibidem Pp.49

No mesmo Arquivo da *Ford library museum* encontramos um memorando de 5 de outubro de 1974 entre Ford, Kissinger, Philip Habib (*Assistant Secretary of State*), Primeiro Ministro da Austrália Edward Gough Whitlam. Em determinado momento Whitlam fala da Indonésia:

Whitlam:(...) Na Indonésia há apenas um punhado de pessoas com alguma habilidade real, e é difícil lidar com alguns dos problemas. Por exemplo, a corrupção é uma coisa preocupante quando comparada aos nossos padrões.

Presidente(Ford): É um país grande e quebrado com todas aquelas ilhas.

Whitlam: Existem mais de mil.

Kissinger: Não há tradição histórica comum entre todas as ilhas, exceto aquela que lhes é trazida pelo governo holandês.

Whitlam: A única tradição histórica unificadora está em Java.

Kissinger: Mas lugares como Bornéu não tinham relação histórica com Java. Também parte da Nova Guiné era desejada pelos indonésios simplesmente porque estava sob domínio holandês. Não sentiam o mesmo por Timor que era e faz parte de Portugal.¹⁹(tradução do autor)

Podemos observar o olhar orientalista destes estadistas quando Whitlam cita que a Indonésia é um país com poucas pessoas com uma habilidade real e que a corrupção é algo preocupante quando se compara com EUA e Austrália, e o presidente Ford completa “*it is a big and broken country*” uma imagem bem diferente daquela que ele conversa com Suharto e os representantes indonésios, uma visão de superioridade atenuada pela linguagem diplomática. Kissinger por outro lado assume que os indonésios não têm uma ligação histórica com o Timor português.

4.3. Inglaterra, Canadá e Japão, outros importantes aliados a Indonésia

Inglaterra, Canadá e Japão, fazem parte do ciclo das grandes potências capitalistas, comandado pelos EUA. Possuem por diversas vezes interesses interligados e semelhantes posições em órgãos internacionais. O Japão foi em 1975 o segundo maior investidor estrangeiro na Indonésia, votou não em todas as sanções a favor de Timor-Leste até 1982²⁰, tem com a Indonésia um “relacionamento forte de mútua dependência”.²¹

¹⁹ Memorandum of President's Meeting with Australian Prime Minister- October 5, 1974 – anexo 2

²⁰ MAGALHÃES, Antonio Barbedo de. *Timor-Leste: Ocupação Indonésia e genocídio*, Porto, Universidade do Porto, 1992.

²¹MATTHEW, Jardine. *Timor-Leste-genocídio no paraíso*, et al: SANT'ANNA, Silvio (Org.). **Timor-Leste: este país quer ser livre**. São Paulo: Martin Claret, 1997. Pp. 52

O Canadá foi visitado por Suharto 4 meses antes da invasão, e uma das pautas da visita era “Perspectivas e desenvolvimento no Timor Português”²². Até 1997 os investimentos canadenses na Indonésia, foram avaliados em 5 bilhões de dólares canadenses, investimentos na área da mineração, exploração do níquel, favorecida pela falta de leis sobre o meio ambiente e mão de obra barata, também ganhou espaço a venda de armas²³.

A Inglaterra teve papel de favorecimento da invasão Indonésia, mas não abertamente, absteve-se na maioria das seções da ONU dirigidas ao Timor. Foi grande vendedora de produtos bélicos ao país de Jacarta. O embaixador britânico na Indonésia, escreve em julho de 1975, ao Ministério das Relações exteriores, que o povo timorense não teria condições a autodeterminação, acrescentando:

Certamente, da maneira como vemos daqui, é do interesse da Grã-Bretanha que a Indonésia incorpore o território o mais depressa e discretamente possível; e que se o pior acontecer e houver uma disputa na ONU, mantenhamos a cabeça baixa e evitemos tomar partido contra o governo da Indonésia.²⁴

4.4 Timor e o contexto global

Em 1974-1975 percebe-se a presença notável de Timor-Leste nas grandes mídias, que estavam preocupadas com o desmantelamento do Império português e o surgimento de novos Estados. Mas da maneira com sucederam os acontecimentos a grande mídia passou a negligenciar todas as injúrias que aconteceram durante a invasão indonésia no Timor, não só negligenciar, mas muitas vezes também colocando a presença da Indonésia como salvação contra um perigo vermelho, proveniente da FRETILIN. A cobertura dos acontecimentos em Timor, teve duas grandes mudanças. A primeira em 1991 com o massacre de Santa Cruz, onde centenas de inocentes, que participavam de uma marcha em protesto, foram mortos pelos soldados da ABRI (exército Indonésio) cruelmente. A chacina foi filmada pelo jornalista Max Stahl, e pela primeira vez em longos anos de genocídio o mundo pode ver o que estava acontecendo em Timor-Leste. Após 1991 a repressão continua, porém de forma mais minuciosa. Mais tarde em 1996, o Timor-Leste apareceria ao mundo de novo, com a

²²Ibidem Pp.51

²³Ibidem Pp.51

²⁴Ibidem Pp.53

nomeação de dois timorenses militantes da causa, ao Nobel da Paz, são eles José Ramos-Horta e o Bispo Ximenes de Dília.

É notável as contradições nos discursos de líderes das Grandes Potências quando comparamos a invasão do Iraque ao Kuwait com a invasão da Indonésia ao Timor-Leste. Neste sentido George Bush, presidente dos EUA em 1990, referindo-se a invasão do Kuwait pelo Iraque, diz: "Os Estados Unidos continuam, como sempre, contra a agressão, contra aqueles que usariam a força para substituir o domínio da lei"²⁵. Tal afirmação não foi seguida quando a Indonésia atentou contra a autodeterminação do Timor e contra o fundamental princípio do direito internacional da não-intervenção e principalmente o direito da vida humana. Bob Hawke, primeiro ministro australiano, em 1990, segue a mesma linha de hipocrisia, diz a respeito da invasão do Kuwait pelo Iraque: "É importante para a Austrália que o mundo compreenda que os países grandes não podem invadir seus vizinhos pequenos impunemente."²⁶

Assim como o Kuwait o Timor-Leste possui reservas de petróleo e possuem parecidas extensões territoriais, mas a importância da autodeterminação é muito mais importante no primeiro caso que no segundo. Nos dois casos há exploração do petróleo por medidas das grandes potências, no primeiro é uma relação com a oligarquia local, no segundo uma relação com o dominador, no caso a Indonésia, invalidando princípios como direitos humanos e autodeterminação de povos em plenos fins de século XX, o que foi gravíssimo na construção de ética e moralidade nas relações internacionais.

²⁵ MATTHEW, Jardine. Timor-Leste-genocídio no paraíso, et al: SANT'ANNA, Silvio (Org.). **Timor-Leste**: este país quer ser livre. São Paulo: Martin Claret, 1997.

²⁶ MATTHEW, Jardine. Timor-Leste-genocídio no paraíso, et al: SANT'ANNA, Silvio (Org.). **Timor-Leste**: este país quer ser livre. São Paulo: Martin Claret, 1997. 47 p.

5. CONCLUSÃO

A invasão do Timor estava enquadrada em um contexto de guerra fria, e nesse contexto que atrocidades foram permitidas, a FRETILIN tinha influência e se reconhecia como marxista, recebia apoio dos outros países e guerrilhas de língua lusófonas e que também eram de caráter marxista.²⁷ Foi em 7 de dezembro de 1975, dez dias após a independência do Timor pela FRETILIN, 20 mil fuzileiros navais e um forte bombardeio aéreo, a Indonésia com desculpas de que essas terras pertenciam à grande nação da ilha de Java e que de comum durante séculos sofreram com a colonização europeia, invadem e ocupam as terras do povo maubere.²⁸

A comunidade internacional fecha os olhos, ou melhor, direciona o olhar as atrocidades no Camboja e o regime de Pol Pot, que no momento eram muito mais convenientes por se tratar de atrocidades comunistas e não de um forte aliado econômico do ocidente, a conveniência também estava nos tratados econômicos feitos pelo “ocidente” com a indonésia, como vimos ao longo do trabalho.²⁹ O posicionamento da comunidade internacional, ou melhor, o “ocidente”, entendido aqui como as grandes potências capitalistas, frente a invasão do Timor, ilustra que muitos acontecimentos da guerra fria, não tinham por seu fim só uma luta ideológico, humanista de salvar a democracia e de oposição a raiz de todo mal, o comunismo, mas sim uma busca por recursos e acordos econômicos, o silêncio de alguns (Inglaterra, em se abster das decisões da ONU e manter um forte comércio com a Indonésia já ditos anteriormente) e a pró atividade de outros (Austrália, em fechar um acordo com a Indonésia sobre o Timo Gap) e a opinião internacional sobre os massacres do Camboja, ilustram quais são as prioridades dos países e seus políticos no contexto da guerra fria e como alguns em cada momento, determinados argumentos ideológicos humanistas são convenientes ou não.

Após a conclusão desta pesquisa, podemos perceber que as ideologias políticas do momento foram determinantes para estabelecer os rumos que seriam tomados depois que

²⁷ WALDMAN, Maurício. **Brava gente do timor : A saga do povo maubere / Waldman e Carlos Serrano; Prefacio de Noam Chomsky** - São Paulo : Xama, 1997. Pg 73.

²⁸ WALDMAN, Maurício. **Brava gente do timor : A saga do povo maubere / Waldman e Carlos Serrano; Prefacio de Noam Chomsky** - São Paulo : Xama, 1997. Pg 61.

²⁹ WALDMAN, Maurício. **Brava gente do timor : A saga do povo maubere / Waldman e Carlos Serrano; Prefacio de Noam Chomsky** - São Paulo : Xama, 1997. Pg 13

iniciou a descolonização do Timor. E devido a essas ideologias políticas e por diferentes motivos insuficientes, com a invasão da Indonésia, muitas pessoas perderam suas vidas.

Este breve trabalho teve a pretensão de compartilhar o contexto e a trama diplomática que causou um genocídio no sudeste asiático, fato muito pouco abordado no ambiente acadêmico brasileiro, assim como nas escolas e no cotidiano das pessoas. A história de Timor-Leste é marcada pela colonização portuguesa e a posterior e trágica ocupação Indonésia, mas as lutas do povo timorense não cessaram e com elas a sua independência no século XXI. A cooperação internacional de não somente dos países lusófonos, mas como de outras nações é fundamental para a estruturação de Timor. Sua história não será esquecida, aos poucos com a desclassificação de mais documentos e depoimentos através da História oral surgem mais questões a serem estudadas no futuro.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARYA, A. **The making of Southeast Asia: International relations of a region.** Cornell University Press, 2013.

ALLARD, Tom. Austrália condenada a cessar espionagem Timor-Leste pela Corte Internacional de Justiça. **The Sydney Morning Herald**, Austrália, 04 de março de 2014, Política Federal. Disponível em: <<http://www.smh.com.au/federal-politics/political-news/australia-ordered-to-cessar-spying-on-east-timor-by-international-court-of-justice-20140303-hvfya>>. Acesso em: 25/04/2022.

ALMEIDA, Jenildo da Costa. **Será a Abundância de Petróleo uma Maldição para Timor-Leste?** Covilhã, 2013. Disponível em: <<https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/3101/1/Ser%C3%A1%20a%20Abund%C3%A2ncia%20de%20Petr%C3%B3leo%20uma%20Maldi%C3%A7%C3%A3o%20para%20Timor-Leste.pdf>> Acesso em: 25/04/2022.

AMPIAH, K. **The dynamics of Japan's relations with Africa: South, Tanzania, and Nigeria.** London: Routledge, 1997.

BAIÃO, Antônio; *et. al.* **História da Expansão Marítima no Mundo.** TIPOGRAFIA DA Empresa do Anuário Comercial-Praço dos Reslourdaores, 24-11sboa-1939.

BRESSAN, Regiane Nitsch; Salles, Marcus Maurer de. **60 anos após Bandung:** Novas visões a partir do Sul. Bandungartigo. Anuario de Integración 11 | Año 2015. Disponível em: <http://www.cries.org/wp-content/uploads/2016/02/02a-Bressan.pdf>. Acesso em: 11.07.22.

CLARKE, Tom. Petróleo de Timor, **Rigth Now**, Austrália, 10 de março de 2014. Disponível em: <<http://rightnow.org.au/writing-cat/article/timors-oil/>>. Acesso em: 23/04/2022.

ESPÓSITO, Fabio Adorno. **O Movimento dos países não alinhados e o Sistema Internacional em 1961.** XXV Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. Disponível em: https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/14/anpuh-sp-erh2020/1597790527_ARQUIVO_85565203f2958a0b03278aa8d8050421.pdf. Acesso em: 11.07.22.

FIGLINO, Beatriz. **Guerra Fria:** Um Período, três olhares. UNESP. Disponível em: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/upload/trabalhos/201652417328.pdf>. Acesso em: 23.06.22.

FONSECA JR. Gelson. **O Sistema Internacional durante a Guerra Fria.** Revista USP. São Paulo (26), P. 128-137, ag. 1995.

GABINETE DE FRONTEIRAS MARITIMAS DE TIMOR-LESTE, **Acordo do Mar de Timor.** Disponível em: <<http://www.gfm.tl/learn/timor-sea-agreements/?lang=pt>> Acesso em: 24/04/2022.

GALDINO, Carolina Ferraira. **Nasce um Estado:** A Construção do Timor-Leste. - Dissertação de mestrado. UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2012.

GOVERNO DE TIMOR-LESTE, **Legislação, Petróleo e Gás.** Disponível em <http://timor-leste.gov.tl/?cat=35>>. Acesso em: 24/04/2022.

INDONESIA, Ministry of Foreign Affairs. **Final Communiqué of the Asian-African Conference.** In: Asia-Africa speak from Bandung. Jakarta: Ministry of Foreign Affairs, 1955. pp. 161-169.

INTERNACIONAL MONETARY FUND, **Informação Pública Aviso (PIN) nº 11/31**. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/np/sec/pn/2011/pn1131.htm>>. Acesso em: 22/04/2022.

KATSUMATA, H. “**Reconstruction of Diplomatic Norms in Southeast Asia: The Case for Strict Adherence to the “ASEAN Way”**”, Contemporary Southeast Asia: A Journal of International & Strategic Affairs. Cingapura: Instituto de Estudos do Sudeste Asiático, v. 25, n. 1, 2003, pp. 104-121.

KIM, S. S. **Regionalization and regionalism in East Asia**. Journal of East Asian Studies, v. 4, n. 1, p. 39-67, 2004.

LA’O HAMUTUK, **Boletim Vol.07 nº1; abril 2006**. Tratado CMATS com a Austrália. Disponível em: <<http://laohamutuk.org/Bulletin/2006/Apr/bulletinv7n1.html>>. Acesso em: 23/04/2022.

LA’O HAMUTUK, Boletim Vol.07 nº1; abril 2006. **Tratado CMATS com a Austrália**. Disponível em: <<http://laohamutuk.org/Bulletin/2006/Apr/bulletinv7n1.html>>. Acesso em: 23/04/2022.

LAMARCA, Claudia. **A política externa australiana para o Timor-Leste (1975-1999)**. PUC- Rio, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=4246@1> .Acesso em: 24/04/2022.

LUMUMBA-KASONGO, T. **Rethinking the Bandung conference in an Era of ‘unipolar liberal globalization’ and movements toward a ‘multipolar politics’**. Bandung: Journal of the Global South, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2015.

MAGALHÃES, Antonio Barbedo de. Timor-Leste: Ocupação Indonésia e genocídio, Porto, Universidade do Porto, 1992.

MARQUIORI, Frederico. “**Dois variantes de uma mesma abordagem: a relação ASEAN-PEC**”. PUCSP. Disponível em: <https://www.pucsp.br/geap/artigos/art2.PDF>. Acesso em: 11.07.22.

MAXWELL. **Panorama Histórico do Timor-Leste**. PUC-RIO. Certificação Digital N: 0114306/CA. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4246/4246_3.PDF. Acesso em: 24.06.22.

Mc DONALD, Hamish. Anúncio contra Bush, Howard sobre abusos em Timor. **The Sydney Morning Herald**, Austrália, 04 de setembro de 2007, Política Federal. Disponível em: <<http://www.smh.com.au/news/national/ads-lash-bush-howard-over-timor-abuses/2007/09/03/1188783158755.html>>. Acesso em: 23/04/2022.

MCMAHON, Robert J. **Guerra Fria**. Ed. L&PM, Porto Alegre, 2012.

MELLO, Arnon de. **Portugal e as Colônias da África**. www2.SENADO.leg.br. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/222404>. Acesso em: 25.06.22.

MONASH UNIVERSITY, Dra. Sara Niner: **Crocódilos no Mar de Timor**. Disponível em: <<http://profiles.arts.monash.edu.au/sara-niner/crocodiles-in-the-timor-sea/>>. Acesso em: 25/04/2022.

SANT'ANNA, Silvio (Org.). **Timor-Leste: este país quer ser livre**. São Paulo: Martin Claret, 1997. 278 p.

SERRA, Antônio M. de Almeida. Timor-Leste: o petróleo e o futuro. **Documentos de**

Trabalho, CEsa, Lisboa, Nº 71, 2006. Disponível em: <http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/doc_trab_71.pdf. 2006> Acesso em: 25/04/2022.

SIMOES, Tales Henrique Nascimento. **Os legados da Conferência de Bandung e o regionalismo na Ásia do Leste**. XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação em Geografia. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV154_MD1_SA157_ID325130102021113150.pdf . Acesso em: 11.07.22.

SINGHAM, Archibald W. & HUNE, Shirley. *Non-alignment in an Age of Alignments*. London / Westport / Harare: ZedBooks Ltd. / Lawrence Hill & Co. / The College Press (Pvt) Ltd., 1986. UN, United Nations. **India and People's Republic of China: Agreement (with exchange of notes) on trade and intercourse between Tibet Region of China and India**. In: **Treaty Series**: Treaties and international agreements registered or filed and recorded with the Secretariat of the United Nations, volume 299. New York: United Nations Treaty Series, 1958. Disponível em: . Acesso em: 28 nov. 2018. UN, United Nations. *Yearbook of the United Nations: 1946-1947*. New York: United Nations Publications, 1947.

SOLINGEN, E. “**ASEAN, Quo vadis. Domestic colitions and regional co-operation**” **Contemporary Southeast Asia: A Journal of International & Strategic Affairs**. Cingapura: Instituto de Estudos do Sudeste Asiático, v. 21, n. 1, 1999, p. 30, 24p.

UNITED NATIONS. *Oceans & Law of the Sea*. **Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, de 10 de dezembro de 1982**. Disponível em: <<http://www.un.org/Depts>

WALDMAN, M. e SERRANO, C... **Brava Gente de Timor: a Saga do Povo Maubere**, SãoPaulo, Xamã, 1997.

Fontes:

WASHINGTON. THE WHITE HOUSE. . **Memorandum of conversation**. Disponível em: <https://www.fordlibrarymuseum.gov/library/document/0314/1553151.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

DEPARTMENT OF STATE. **Memorandum of President's Meeting with Australian Prime Minister**. Disponível em: <https://www.fordlibrarymuseum.gov/library/document/0314/1552814.pdf>. Acesso em 11 jul. 2022.

TELEGRAM 14946. **From the Embassy in Indonesia to the Department of State**, December 6, 1975, 1000Z. Disponível em: <https://static.history.state.gov/frus/frus1969-76ve12/pdf/d141.pdf>. Acesso em 12/07/2022.

National Archives, RG 59, **Transcripts of Secretary of State Kissinger's Staff Meetings, 1973–1977**, E5177, Box 8. Secret. Disponível em: <https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1969-76ve12/d127>. Acesso em 18/07/2022.

7. ANEXOS:

Anexo - 1. Memorandum Ford, Kissinger, Indonesian President Suharto - July 5, 1975.

MEMORANDUM

THE WHITE HOUSE
WASHINGTON

~~SECRET~~/NODIS/XGDS

DECLASSIFIED
E.O. 12958 Sec. 3.6

MEMORANDUM OF CONVERSATION

Scowcroft file
ML 01-34, #6; 02. Jan. 6/20/01
By dec NARA, Date 7/2/01

PARTICIPANTS: President Ford
President Suharto, President of Indonesia
Dr. Henry A. Kissinger, Secretary of State
and Assistant to the President for NSA
Lt. General Brent Scowcroft, Deputy Assistant
to the President for NSA
Mr. Widodo (Indonesian Interpreter)

DATE & TIME: July 5, 1975 - Saturday
12:40 p.m. - 2:00 p.m.
(1:44 Secretary Kissinger joined)

PLACE: Laurel Cabin, Camp David, Maryland

President: Let me reiterate how pleased we are to have you visit. Secretary Kissinger told me you were here in 1970 when President Nixon was in office. We are just as concerned about our good relations with Indonesia as we were earlier.

Let me say now that we are as firmly committed and interested in Southeast Asia. The events in Indochina have in no way diminished our interest or commitment in the area.

We are committed to detente with the Soviet Union, but it has to be a mutual relationship. We will not let them have a bigger piece of the benefits. We will continue it as long as it is mutually beneficial. We recognize that the Soviet Union keeps assisting and strengthening its friends, just as we do. But they cannot take advantage of us.

In my trip to Brussels, I told my NATO allies that we were committed to them completely, and I want you and the countries in your area to feel the same.

CLASSIFIED BY Henry A. Kissinger
EXEMPT FROM GENERAL DECLASSIFICATION
SCHEDULE OF EXECUTIVE ORDER 11652
EXEMPTION CATEGORY 5 (b)(3)
AUTOMATICALLY DECLASSIFIED ON Imp. to Det.

~~SECRET~~/NODIS/XGDS

SECRET/NODIS/XGDS

- 2 -

We want to continue our assistance programs. As you know, that depends on the Congress, which has been cutting our program in recent years. This Congress is interested, but it is my intention to increase aid. We are able to make available some military equipment items to help you in your situation -- four naval vessels, which may not be in tip-top condition, some tanks, aircraft such as C-47, and four C-123 transports.

Suharto: May I first convey my appreciation and gratitude, Mr. President, for your invitation to visit the United States. And on behalf of the Government and people of Indonesia, may I convey our heartfelt congratulations for the 4th of July. I would take this valuable opportunity and discuss the problems affecting not only Indonesia but all of Southeast Asia in light of recent changes which have swept the peninsula. I had already obtained valuable information from Mr. Habib and from you in respect to furthering American responsibility to its allies in the Southeast Asia region. After obtaining that information and valuable assessment, we have no fear that the United States will abandon its responsibility toward peace in the Southeast Asia region. Considering the bitter and sad experience of the American people in Vietnam, the U.S. has given such great help and to have it turn out so it is necessary to assess why it happened to come out so very badly after such American sacrifice.

If you would allow me, I will elaborate on Indonesia's problems in our struggles for independence against Communism; it will help us understand. It is not the military strength of the Communists but their fanaticism and ideology which is the principal element of their strength. To consider this, each country in the area needs an ideology of its own with which to counter the Communists. But a national ideology is not enough by itself. The well-being of the people must be improved so that it strengthens and supports the national ideology. From the experience of Laos and Vietnam in the past, they seem to have forgotten this national ideology to get the support of the people. Despite their superiority of arms in fighting the Communists, the human factor was not there. They lacked this national ideology to rally the people to fight Communism.

It is in this spirit that Indonesia has been unifying and nationalizing the people to prepare to fight the threats which eventually will be made against our independence. So we are busily engaged in encouraging and consolidating in Southeast Asia this national ideology and cooperating with others in the areas of culture, economics, and so on. This is of course to prepare for any eventuality of an Indochina eventually dominated by the Communists.

What will happen after Vietnam? There are two possibilities: Whether they will apply Communism just within their borders in order to improve the

SECRET/NODIS/XGDS

SECRET/NODIS/XGDS

- 3 -

conditions of their peoples. If so, we are okay. Ho Chi Minh has always wanted to unify all of Vietnam. We don't know yet what is going on and whether they will unify or whether there will be two separate Vietnams.

President: How long do you think it will take for them to decide this?

Suharto: I have been trying to find out from the Communists and Tito, and the judgment is that the consolidation will take five years, but by then, they will be unified.

Pre sident: How about the relations between Vietnam, Cambodia and Laos?

Suharto: Let me explain. As far as Cambodia, they recognize the GRUNK and Sihanouk -- although he is still in exile. I asked Tito why he didn't support Sihanouk's return and he said it would take some time. Tito's reply was that due to prevailing conditions in Phnom Penh, it is not safe for Sihanouk to return. There are still some dangerous elements. But my personal opinion is that they don't want him back yet. My information is that it will take Cambodia about five years to consolidate, so it will be similar to Vietnam. Considering that the time for consolidation is so long -- five years -- they might want two Vietnams and one Cambodia, all three joining a non-aligned world. So they may want to stay separate but with their policies aligned.

Even if it takes some time to consolidate, events will certainly encourage similar elements in Thailand, Malaysia, the Philippines and elsewhere. Of course, this Communist ideological solidarity will take the form of encouraging these elements to step up their activities among labor, farmers and youth. When they have built up the Communist movements, the Vietnamese will be able to supply the military equipment necessary for them to undertake military activities.

President: Are all the Communists working together?

Suharto: The Soviet Union and the Chinese don't work together. They are competing to expand their own individual influence in the region.

The second possibility is they may not stay within their borders but seek to Communize the region and the world. If so, we have to find out whether they will support the Soviet Union and China. Right now, I think Vietnam won't take sides, because then it would become a target between the two. Instead it will work for independent national Communist movements. But in any case, these events will have brief impact on the neighboring countries. The question

SECRET/NODIS/XGDS

- 4 -

is how to counter it. Knowing well the Communist tactics -- infiltration, fanaticism, etc., it is essential for each country to have a strong national ideology -- to strengthen itself in the political, economic and military areas.

We are fortunate we already have this national ideology -- Pantchestita(?). The question is, is it strong enough? Here it is important that we strengthen our economic development so we can support our Pantchestita(?). Therefore if we fail in economic developments, it will create a lack of confidence of our national ideology and create doubts in the people and leave them susceptible to other ideologies.

President: You have done very well in controlling inflation. We have had problems in that regard, but we are now making progress. I understand if you don't make economic progress there will be the growth of a Communist ideology in Indonesia.

Suharto: The principal factor is creating a national stability principally in the economic and monetary fields. The role of the US in her responsibility toward this area -- the U.S. won't abandon her role, but the American assistance role should be reviewed, both in relation to Indonesia and all of Southeast Asia. Particularly in assisting and supporting those countries in establishing national resilience. That would help in creating a regional resilience and help keep out Communism. But we are running against time because the Communists are working very hard in these countries to convert them to Communism.

The best way of fighting subversion is intelligence and territorial operations, so we can detect Communist activity when it first arises. In carrying these out when the people are participating, we rely heavily on communications. Therefore, communication between areas is very important to knowing when problems emerge, so we can deal with them immediately. If the danger becomes greater and the insurgency becomes greater, we will require mobile units to send to these areas to squelch subversion. To supply and maintain this mobility we will need both sea and air transport so we can put down insurgency before it becomes too big to stop. Especially in the navy field, we need to improve the conditions of the navy -- not big ships but to be able to transport men and materials to be able to carry out these operations. Particularly, ships which can fight any attempts to interfere with these operations to cope with insurgency. Indonesia has many islands so we will need many of these ships with great mobility.

SECRET/NODIS/XGDS

SECRET/NODIS/XGDS

- 5 -

Especially at this moment, intelligence and territorial operations are very important. We are in a better condition to do this than other Southeast nations. With American assistance, we have built a national resilience and we are working hard at building it further.

President: How big a Navy do you have and how big do you need?

Suharto: We have many capable navy men prepared to man the Soviet ships we have -- that were gathered to liberate West Iran. These ships are now mothballed and useless, however.

If you will agree with those principles to strengthen the national resilience -- especially in the military field, we can set up a joint committee to decide what is needed in the Navy, Army and Air Force. We don't need new equipment, just to make them serviceable.

President: I think we should set up a joint commission to decide what is needed and what we can do to supply those needs. I will talk to Secretary Kissinger.

Suharto: But the most important need is not in the military field but in the economic area. This is where we must build the nation. Indonesia can be an example to other countries of the importance of strengthening their national resilience.

President: Our Ex-Im Bank has been working with your people. I would expect we would continue to work with you on providing more credits and grants. It is important that we help with everything we can make available in order to contribute to the essential development you have described.

Suharto: In view of our efforts to accelerate developments, we have four sources: The IGGI (Inter-Governmental Group for Indonesia), international organizations like the World Bank, the Ex-Im Bank, and private banks. These four go from soft to hard terms for loans. We are already obtaining joint Ex-Im commercial loans, and terms are still lower through commercial banks. We hope to continue these loans.

President: In Fortune I saw a ten-page story urging private investment. Is the investment picture encouraging?

Suharto: The figure has now reached \$5 billion. What remains is for industry which requires having capital input. Examples of these huge projects are liquefied natural gas (\$800 million), nickel (\$900 million), copper, and others. These will require the assistance of other countries to get the credits.

SECRET/NODIS/XGDS

With regard to our efforts to strengthen our national resilience, I want to mention the archipelago principle. This principle has been followed by the Indonesian people for years. The purpose is to force ourselves in as a unified nation without any territorial ambition. From various countries we have gotten favorable response, but I see some hesitancy in the U.S. about this principle. Indonesia doesn't want to create difficulties with other countries in establishing this principle in its territory.

President: We were encouraged at the progress of the Law of the Sea Conference and we hope for further progress. We do understand your problem. We do have reservations, and we would be happy to meet with your people to work it out. We must have maneuverability if we are to carry out our responsibility in the world. I assure you we will work with your people to try to work out a mutual understanding.

Suharto: Talks have been conducted bilaterally between us already. The third point I want to raise is Portuguese decolonization. Starting with our basic principle, the new Constitution of 1945, Indonesia will not commit aggression against other countries. So Indonesia will not use force against the territory of other countries. With respect to Timor, we support carrying out decolonization through the process of self-determination. In ascertaining the views of the Timor people, there are three possibilities: independence, staying with Portugal, or to join Indonesia. With such a small territory and no resources, an independent country would hardly be viable. With Portugal it would be a big burden with Portugal so far away. If they want to integrate into Indonesia as an independent nation, that is not possible because Indonesia is one unitary state. So the only way is to integrate into Indonesia.

President: Have the Portuguese set a date yet for allowing the Timor people to make their choice?

Suharto: There is no set date yet, but it is agreed in principle that the wishes of the people will be sought. The problem is that those who want independence are those who are Communist-influenced. Those wanting Indonesian integration are being subjected to heavy pressure by those who are almost Communists. The Communist elements practically sabotaged the recent meeting in Macao. I want to assert that Indonesia doesn't want to insert itself into Timor self-determination, but the problem is how to manage the self-determination process with a majority wanting unity with Indonesia. These are some of the problems I wanted to raise on this auspicious meeting with you.

President: I greatly appreciate the chance to learn your views, especially on the events in Vietnam as they consolidate -- and the thought it would take five years to consolidate.

SECRET/NODIS/XGDS

SECRET/NODIS/XGDS

- 7 -

I would like to mention OPEC.

[Secretary Kissinger enters.]

We appreciate your not joining the embargo in '73-74. We are concerned about OPEC raising prices in the fall meeting. We are concerned about the effect on the economic recovery of the United States, the world, and the Third World. I know you feel badly about the Trade Bill's penalties against OPEC members. We are trying to get Congress to change that to make the penalties selective, not comprehensive.

Suharto: We share with the other OPEC states the view that we should not confront the consumers in this energy crisis. We are also aware that some producers have taken a tough stand. We are a small producer, but the others still listen to us. The September meeting I don't think will focus on a price increase but how to keep the purchasing power of the producers from falling. Therefore Indonesia, with the others, is studying the problem seriously so that oil revenue will benefit the people despite the inflation and recessions which have beset the world.

President: We have been through difficult times and we are now coming out of it. The oil price increase would have an injurious effect on our recovery and thus our ability to help the world's economic recovery.

In the past you have sent a special emissary to contact Secretary Kissinger on occasion. I would like that arrangement to continue under me if you agree.

Suharto: I fully share the importance of sending an emissary to contact Secretary Kissinger. I haven't done it so much recently because of the problems that both our countries have been facing recently. I would also agree to resuming these contacts so we can maintain a similarity of views on problems, like with Japan and Australia.

President: Lunch is ready.

SECRET/NODIS/XGDS

ANEXO 2 - Memorandum of President's Meeting with Australian Prime Minister-
October 5, 1974



DEPARTMENT OF STATE
Washington, D.C. 20520

7419633

4657

October 7, 1974

SECRET/NODIS

MEMORANDUM FOR LIEUTENANT GENERAL BRENT SCOWCROFT
THE WHITE HOUSE

Subject: President's Meeting with Australian
Prime Minister Whitlam, October 4,
1974

Attached is a record of the President's meeting
with Prime Minister Whitlam prepared by Assistant
Secretary Habib. We recommend this record, upon
approval, be distributed to Secretary Kissinger,
Assistant Secretary Habib and Ambassador Green in
Canberra.

George S. Springsteen
George S. Springsteen
Executive Secretary

Attachment:

Record of the President's meeting.

SECRET/NODIS
XGDS-1

DECLASSIFIED
E.O. 12958, Sec. 3.5
State Dept. Guidelines, state dev. 02/01/04



~~SECRET/NODIS~~
DEPARTMENT OF STATE

4657 3351
Tab A

Memorandum of Conversation

DATE: October 5, 1974

SUBJECT: President's Meeting with Australian Prime Minister Whitlam

PARTICIPANTS: U.S. SIDE: The President
Dr. Henry Kissinger, Secretary of State
Philip C. Habib, Assistant Secretary of State

AUSTRALIAN SIDE: Prime Minister E. Gough Whitlam
Foreign Minister Don Willesee
Sir Patrick Shaw, Australian Ambassador
Amb. Alan Renouf, Secretary of Foreign Affairs

PLACE: The White House

DATE & TIME: Friday, October 4, 1974, 11 A.M.

While photographs were being taken, the President and the Prime Minister exchanged informal comments. The photographers then left the room.

Whitlam: I was on the hill yesterday with the Whips and principal leaders of the Congress. On both sides they all volunteered their appreciation for their relationship with you, Mr. President. They had a positive attitude on both sides of the House.

President: That is nice to hear. Having spent 25 years there, I learned that in our system of government if you work at it you can have adversaries but not enemies. We have to work together to get things done.

Whitlam: Yes. LBJ was the only President who spent as much time in Congress as you.

President: He was extremely able and most successful in dealing with the Congress.

EA:Philip C.Habib:jnp

(Drafting Office and Officer)

FORM DS-1254
2-65

~~SECRET/NODIS~~

XGDS-1



DECLASSIFIED
E.O. 12958, Sec. 3.5
State Dept. Guidelines
By [redacted] M.A.R.A. Date 5/15/04

SECRET/NODIS

2

Whitlam: He was an able man.

Kissinger: Did you know him?

Whitlam: Yes. He came to Australia a couple of times and he also received me here. He came in 1966 on a visit and in 1967 for the Holt services. I was here and met him and also was at a function where he was giving out some awards. My daughter never forgot how kind he was to her when he asked her if she would like to have her picture taken with him.

Kissinger: He was a big man in every way.

Whitlam: He asked me if I had a weight problem. I was bigger than he was.

President: He had a weight problem too. He had a heart attack in the 1950's.

Whitlam: He had three Presidential photos, Washington, Roosevelt and Jackson, in his office. I recognized the photo of Jackson and he was surprised. I always thought he liked Jackson and identified with him.

President: Yes, there was a sort of populist and frontier likeness. Did you ever go to his ranch?

Whitlam: No.

Kissinger: When Prime Minister Erhard was here, he took me with him. President Johnson thought I was a German. There are a lot of Germans in the country around Johnson City.

President: It was quite an experience to ride in a jeep around the ranch with him. He would drive recklessly across country and show the deer.

Whitlam: He was a skillful politician. There were some rural electrification people around and he asked me to speak to them.

President: He was more skillful at handling the Legislature when he was in the Congress than when he was here. I don't know why that skill eroded when he was here.

SECRET/NODIS
XGDS-1



~~SECRET~~/NODIS

3

Whitlam: It may be that his advisors were so effective that they may have blurred his view of what people thought. Westmoreland, for example, was terribly impressive when you met him but may have given the wrong advice.

Kissinger: LBJ was not comfortable in foreign policy matters and he tried to make an impact in that sphere. In doing so he neglected internal affairs at which he was much better.

Whitlam: He was the only President who ever came to Australia. That made a real impression on us.

President: The only one?

Whitlam: Yes. Everyone wants the President of the United States to come to their country. I know you have no time so I am rather cautious on this, but let me just grasp the nettle. If you are going to Japan, it would be of immense gratification if you would come to Australia.

President: Give us a little time.

Whitlam: I won't push.

President: Give us some time. I almost got there in World War II. I was on a carrier in the New Hebrides, on the Enterprise. We made the first strike on Rabaul at Christmas and over the New Year of 1943-44. There was a series of strikes at that time, and we had two carriers and six destroyers in a diversionary force.

Whitlam: Johnson was a naval officer and came to Australia during the war. In 1966, when he went back for a visit, he went to the same hotel where he had stayed earlier. Our people were very pleased. I learned last night that Joe Sisco was also in Australia as a Marine as were Carl Albert and Secretary Weinberger. Everyone seems to remember his wartime experiences.

President: And, as the years go on, we all kind of remember that we did more to win it.

Whitlam: Yes. I was in the Philippines.

President: I noticed that your speech at the UN contained thoughts similar to those I had expressed. Henry Kissinger kidded me that we must have had each other's texts.

~~SECRET~~/NODIS

~~SECRET~~/NODIS

4

Whitlam: What you said about food was important. We would like to have some involvement in that.

President: Does agriculture have a great share of your trade?

Whitlam: Yes. While a great deal of our investment is in manufacturing, our exports are in pastoral products such as wool and meat and in minerals, such as iron, coal, lead, zinc and, in due course, uranium. We are like Canada. Internally, we do a lot of manufacturing and that produces jobs, but our external economy is largely dependent on agriculture and minerals. We have a large land area, most of which is tundra or desert and a few large cities like Melbourne and Sydney.

President: Can you increase your agricultural production through irrigation?

Whitlam: Some of it, but it takes a great deal of capital and, once you put capital in, the costs get very high. For example, with the U.K. and Common Market our canned and dried fruits become too expensive.

President: Besides which, no one wants to eat dried food.

Kissinger: I remember my Division Commander in Normandy asked me to leave supplies behind for the French. Can you imagine trying to give Spam away to a Norman peasant? First of all he can't believe he is getting something for nothing, and he is looking for the quid pro quo.

President: Were you in the Army?

Whitlam: I was in the Air Force. I saw enough of the Army in the ROTC days to decide to choose the Air Force.

President: That is one of our problems in recruiting. The Air Force has better facilities; the Navy does pretty well; and the Army gets short-shrift.

Whitlam: Yes, in the Air Force you can get good training while Army training is not so fruitful.

President: We are grateful for all the good relations we have with you. I want you to know the United States Government's position on foreign policy will be the same as it has been. I always believed in the policy because it is good. We are on the right track on relations with the Soviets and Chinese. We

~~SECRET~~/NODIS

~~SECRET~~/NODIS

5

will remain strong in NATO and we want a presence, in a constructive way, in your part of the world. Our relations with Australia are part of that worldwide policy.

Whitlam: How your relations with the Soviets develop is really up to you alone. We can influence some things, for example in our relations with Japan and Indonesia and to a lesser extent with countries like India and those in Southeast Asia. We are trying to have good relations with Japan and Indonesia. With Japan so dependent on our resources we don't want to drive them into a desperate situation as in 1940. We want to assure them of dependable resources. We want to spell it out in a treaty with them, but that will come slowly. In Indonesia there are only a handful of people with any real ability, and it is difficult to deal with some of the problems. For example, corruption is a worrisome thing when you compare it to our standards.

President: It is a big and broken country with all those islands.

Whitlam: There are over a thousand.

Kissinger: There is no common historical tradition between all the islands except that which is brought to them by the Dutch Government.

Whitlam: The only unifying historical tradition is in Java.

Kissinger: But places like Borneo had no historical relation to Java. Also part of New Guinea was wanted by the Indonesians simply because it had been under Dutch rule. They did not feel the same about Timor which was and is part of Portugal.

Whitlam: Yes, there was a sort of successor state mentality. Sukarno was a great orator and he spread his influence through words and the use of a single language throughout the archipelago. By using one language he made that a unifying force.

President: He addressed the Congress in 1951 or 1952. He was one of the best orators we ever heard. He was a spellbinder.

Whitlam: He was a terrific showoff. He could quote Jefferson, but he could not cope with his problems later on.

Kissinger: He came close. If that coup had succeeded, it would have been very serious. If he had gotten the Chief of

~~SECRET~~/NODIS

~~SECRET/NODIS~~

6

Staff, he might have had a chance. But he did not and then the military organized and cut Sukarno up into little pieces and finally got rid of him. But don't forget that he came within a hairline of pulling his coup off and that would have put you under pressure.

Whitlam: Suharto likes a personal relationship with neighboring heads. He did it with Marcos, Razak and to a certain extent with Lee and the Burmese. I was included this time and we have good relations. At the time of the coup he was on a boat communing with the spirits. He took me to a plateau, a mystic place, in Java. During the period he was ousting Sukarno, Suharto spent the night there. He got a mystic feeling of continuity. They have a sense of Javanese continuity.

Willesee: Suharto even has some mystical advisors.

Whitlam: When I visited, everything went like clockwork. There were a great number of functions and people in Central Java. They had school kids and others lined up for about 60 miles along the route.

President: Is that something that goes back to their training under Dutch management?

Whitlam: No, this transcends the Dutch who managed it like an estate. Suharto was in Java when the Dutch withdrew and the Japanese came, and he remembers that. When it comes to organizing things, they had quite a program. Everything efficiently organized and up to 1/2 million people involved, and yet it was unhurried. Makes you wonder to what extent they can organize their things. Maybe even such things as rakeoffs. They have come a long way and we have established good relations with them. They were worried when our Government came in but we think they understand us now.

Kissinger: They are very interested in Cambodia.

Whitlam: Yes, there seems to be some solidarity between Generals and Field Marshalls.

Kissinger: They are very anti-Communist. They were and still are. When I called on Suharto in Brussels to persuade him to participate in the ICCS, I had to explain to him that they were not to fight the Communists. He seemed ready to use his troops to clean up the Communists.

~~SECRET/NODIS~~
XGDS-1



Whitlam: They are a tough people.

Kissinger: At the time of the coup there were hundreds of thousands or more killed. I saw one estimate of three hundred thousand and even more.

Whitlam: It was a popular thing. They equate the Chinese with foreign influence and went after some of their local Chinese who had been exploiting them.

Willesee: That period left a trauma. In the recent riots in Jakarta the Government would not accept any simple explanation of what was going on.

Whitlam: Jakarta has developed an urban civilization and there is no tradition to cope with it. They don't know how to get sufficient employment for the people in the cities.

Kissinger: Conditions for a built-in revolution.

Whitlam: They don't know how to cope with the problem of a large city with an articulate population without employment and unused talents.

President: Do you have a student problem such as with ours who are always telling us that we don't know how to solve our problems?

Whitlam: All countries have such a problem. In Japan we see a great increase in the skepticism of the young.

Kissinger: Except generally students have emotional reactions but no sense of how to work. They like dramatic gestures, but try to get them to go on and they don't follow through. During the Cambodian incursion I brought groups of students in for talks and I asked them to come back. After they came back a few times, they would stop because they had no interest in discussion.

President: They want to change things but not work at it.

Whitlam: It is a good thing to have children. You will be better off having raised teen-age children. Some of our Ministers without children don't have a feeling for what goes on.

President: My three boys more than my daughter have made me realize how different they all are. One is a square and the second could have become a Communist or a John Bircher but he

~~SECRET~~/NODIS
XGDS-1

~~SECRET/NODIS~~

8

turned out to be a middle-of-the roader. The third is different and we have lively discussions at home.

Whitlam: We have three sons and a daughter which is a salutary thing. Many of our student causes are derivative. For example, toward Latin America, they get their attitudes from reading about things written in the States which are of no real interest to us.

President: How long will you be here?

Whitlam: I am leaving to see Pierre Trudeau this afternoon. I never like to come to Washington without visiting Canada because then people criticize me for thinking that North America is only the United States.

Kissinger: He is an interesting man.

Whitlam: The Canadians are very similar to us in their economic situation and they also have to live with you. I think it was Trudeau who said it was like living with an elephant.

President: We have a great relationship with the Canadians. We have 3,000 miles of border and our people have been going back and forth for centuries.

Whitlam: Their corporate relations are important and we want to learn from the Canadian experience. But there are differences. For example, the Canadians have an appointed Senate and we have an elected Senate. Our Senate was on the model of the House of Lords, but then this year for the first time they refused to pass a budget bill and we had to have an election.

Kissinger: The same thing happened historically in England. Although the House of Lords is a hereditary body, when it tried to exercise its power that broke the House of Lords.

Whitlam: We also have a different federal system than the Canadians. Six Australian states are still technically British colonies not like in Canada. That could bring on a constitutional problem but we don't expect it to do so.

As the meeting ended and he was leaving, Prime Minister Whitlam asked after the health of Mrs. Ford and expressed the deep hope that she would recover fully and quickly. The President thanked him and said she was coming along very well.

~~SECRET/NODIS~~

ANEXO 3 - Telegram 14946 From the Embassy in Indonesia to the Department of State, December 6, 1975, 1000Z

ACTION COPY *Ldy - WH*

Department of State TELEGRAM

~~SECRET~~ NOD267

PAGE 01 JAKARTA 14946 01 OF 03 061141Z

20
ACTION NODS-00

INFO OCT-81 ISD-88 /001 W COPY 1 OF 15 COPIES

851972

P 061000Z DEC 75
FM AMEMBASSY JAKARTA
TO SECSTATE WASHDC PRIORITY 1579

S E C R E T SECTION 1 OF 3 JAKARTA 14946

NODIS

DECLASSIFIED
E.O. 12958 Sec. 3.6

DEPARTMENT PASS NSC FOR SCOWCROFT

MG 01-32, #2, 02-200 6/21/01

EO 11652: GDS

By del NARA, Date 6/26/01

TAGS: OYIP(FORD GERALD R PRESIDENT)
SUBJ: FORD-SUHARTO MEETING

1. FOLLOWING IS MEMCON OF MEETING BETWEEN PRESIDENT FORD AND PRESIDENT SUHARTO IN JAKARTA DECEMBER 6. ALSO PRESENT WERE SECRETARY OF STATE KISSINGER, FOREIGN MINISTER MALIK, MINISTER OF STATE SUDHARWONO, AMEMBASSADOR NEWSON, AND AN INTERPRETER.
2. SUHARTO-I WISH TO EXPRESS MY THANKS AND VERY GREAT APPRECIATION FOR YOUR WILLINGNESS, MR PRESIDENT, TO ACCEPT MY INVITATION TO VISIT INDONESIA, ALTHOUGH THE VISIT IS VERY SHORT, I BELIEVE IT WILL BE MOST USEFUL. THE PROMOTION OF PERSONAL CONTACTS BETWEEN US IS IMPORTANT AND SIGNIFICANT FOR BOTH OF OUR COUNTRIES.
3. FORD-MY DELEGATION IS EXTREMELY GRATEFUL, MR PRESIDENT, FOR THE SPLENDID ARRANGEMENTS FOR THE VISIT. I REGRET THAT THE TIME IS SHORT BUT AFTER ELECTIONS, I HOPE TO COME BACK AGAIN FOR A LONGER PERIOD. THE OPPORTUNITY FOR SUCH FACE TO FACE MEETINGS IS ALSO HIGHLY IMPORTANT FOR ME. THE CONFIDENCE ESTABLISHED THROUGH SUCH MEETINGS IS IMPORTANT TO THE DEVELOPMENT OF OUR POLICIES. I CONSIDERED THE MEETING AT RAMP DAVID TO BE MOST FRUITFUL, AND I AM CERTAIN THAT THIS CURRENT VISIT

~~SECRET~~

...INATION OF THE EXECUTIVE SECRETARY

February 27, 2009



Department of State **TELEGRAM**

~~SECRET~~

PAGE 02 JAKARTA 14946 01 OF 03 861141Z

WILL EVEN FURTHER ENHANCE OUR RELATIONSHIP. THE UNITED STATES INTENDS TO CONTINUE A STRONG INTEREST IN AND INFLUENCE IN THE PACIFIC, SOUTHEAST ASIA AND ASIA. AS A WHOLE, WE HOPE TO EXPAND THIS INFLUENCE DESPITE THE SEVERE SETBACK OF VIETNAM. OUR COUNTRY-TO-COUNTRY RELATIONSHIPS ARE VERY IMPORTANT TO THE DEVELOPMENT OF THESE POLICIES.

4. AS YOU KNOW, I HAVE JUST RETURNED FROM CHINA WHERE WE HAD DISCUSSIONS OF THE INTERNATIONAL SCENE AND AN IN-DEPTH REVIEW OF OUR BILATERAL RELATIONS. WE MADE IT CLEAR THAT WE ARE OPPOSED TO THE EXPANSION OF ANY NATION OR COMBINATION OF COUNTRIES. WE HAVE NO TERRITORIAL AMBITIONS. WE VALUE OUR RELATIONSHIP WITH INDONESIA AND RESPECT YOUR REGIONAL AND NON-ALIGNED RELATIONSHIPS.

5. SUHARTO-WHAT ARE YOUR IMPRESSIONS OF CHINA'S ATTITUDE TOWARD SOUTHEAST ASIA AFTER VIETNAM?

6. FORD-THEY WILL VIGOROUSLY EXPANSIONISM BY OTHERS INTO ASIA. IN THIS THEY THINK PARTICULARLY OF THE USSR. THEY DON'T APPEAR TO HAVE AMBITIONS OF THEIR OWN.

7. KISSINGER-WE BELIEVE THAT CHINA DOES NOT HAVE EXPANSIONIST AIMS NOW. WE CANNOT PREDICT WHAT THE SITUATION WILL BE IN FIVE YEARS. RIGHT NOW THEIR FIRST CONCERN IS THE SOVIET UNION AND THEIR SECOND VIETNAM.

8. FORD-I HAD THE IMPRESSION OF A RESTRAINED CHINESE FOREIGN POLICY LARGELY DIRECTED AT MEETING THE CHALLENGE OF RUSSIA AND VIETNAM.

9. SUHARTO-AT CAMP DAVID WE DISCUSSED THE QUESTION OF UNIFICATION OF VIETNAM. THAT SEEMS NOW TO BE MOVING AHEAD. LAOS AND CAMBODIA SEEM ALREADY UNDER VIETNAMESE INFLUENCE. DOES THE UNITED STATES BELIEVE THE THREE WILL BE INCORPORATED INTO ONE COUNTRY?

10. FORD-THE UNIFICATION OF VIETNAM HAS COME MORE QUICKLY THAN WE ANTICIPATED. THERE IS, HOWEVER, RESISTANCE IN CAMBODIA TO THE INFLUENCE OF HANOI. WE ARE WILLING

~~SECRET~~

NOT TO BE REPRODUCED WITHOUT THE AUTHORIZATION OF THE EXECUTIVE SECRETARY

February 27, 2009



Department of State **TELEGRAM**

~~SECRET~~

PAGE 03 JAKARTA 14946 01 OF 03 061141Z

TO MOVE SLOWLY IN OUR RELATIONS WITH CAMBODIA, HOPING PERHAPS TO SLOW DOWN THE NORTH VIETNAMESE INFLUENCE ALTHOUGH WE FIND THE CAMBODIAN GOVERNMENT VERY DIFFICULT. THE SITUATION IN LAOS IS DISTURBING AND APPEARS TO DEMONSTRATE AN ACCELERATED INTEREST ON THE PART OF NORTH VIETNAM.

11. KISSINGER-IT IS INTERESTING THAT IN LAOS SOUVANNAVONG IS NOW IN A SUBORDINATE POSITION. THE CHINESE WANT TO USE CAMBODIA TO BALANCE OFF VIETNAM AND ARE KEEPING TROOPS IN CONNECTION WITH ROAD BUILDING IN THE NORTH. WE DON'T LIKE CAMBODIA, FOR THE GOVERNMENT IN MANY WAYS IS WORSE THAN VIETNAM, BUT WE WOULD LIKE IT TO BE INDEPENDENT. WE DON'T DISCOURAGE THAILAND OR CHINA FROM DRAWING CLOSER TO CAMBODIA.

12. SUHARTO-THE FACT REMAINS THAT SIHANOUK, DESPITE SUPPORT FROM CHINA, HAS NO AUTHORITY AND THE KHMER ROUGE LEADERSHIP IS CLOSER TO HANOI. THEY ARE GUIDED BY THE WILL OF HO CHI MINH.

13. KISSINGER-LE DUC THO USED TO TELL ME THAT THEIR AMBITION WAS ALL OF INDOCHINA AFTER WHICH THEY WOULD PROCEED TO TAKE OVER SOUTHEAST ASIA.

14. SUHARTO-IN RECENT POWER POLITICS THE THREE INDOCHINESE COUNTRIES ARE TRYING TO SEPARATE THEMSELVES FROM THE BIG POWERS AND BECOME MEMBERS OF THE NON-ALIGNED MOVEMENT. CAMBODIA AND LAOS ARE MEMBERS ALTHOUGH HANOI IS NOT YET A MEMBER. THIS CAN CAUSE NEW PROBLEMS FOR THE NON-ALIGNED MOVEMENT. SEVERAL COMMUNIST COUNTRIES NOW WANT TO BE NON-ALIGNED. YUGOSLAVIA, CUBA AND ROMANIA ARE EXAMPLES. NOW AMONG THE NON-ALIGNED COUNTRIES THERE ARE NO CONSISTENT POLICIES AND NO SOLID BLOC.

15. ONE OF INDONESIA'S MAIN CONCERNS IS THE DANGER FROM INDOCHINA WHETHER THERE IS ONE STATE OR THREE. THIS DANGER APPLIES TO ALL OF THE NON-COMMUNIST COUNTRIES IN THE AREA.

16. FORD-FROM PAST HISTORY IT IS CLEAR THAT INDOCHINA

~~SECRET~~



Department of State **TELEGRAM**

~~SECRET~~

PAGE 04 JAKART 14945 01 OF 03 001141Z

WOULD BE A DISTURBING ELEMENT IN ANY GROUP. DO THE NON-COMMUNIST COUNTRIES HAVE A VETO OVER NEW MEMBERS OF THE NON-ALIGNED GROUP?

17. SUHARTO: NO, IT IS DIFFICULT TO EXCLUDE ANYONE BECAUSE OF THE LARGE NUMBER OF AFRICAN COUNTRIES WHO ARE SO EASILY INFLUENCED; THIS IS WHAT BROUGHT ABOUT THE ADMISSION OF NORTH KOREA. PARTLY BECAUSE OF THIS SITUATION WE ARE NOW CONCENTRATING ON CONSOLIDATING OURSELVES IN SOUTH-EAST ASIA. WE ARE TRYING TO FIND IDENTICAL VIEWS ON FACING THE COUNTRIES IN INDOCHINA AND ON WAYS AND MEANS TO IMPROVE SECURITY. AT THE BEGINNING WE HAD DIFFERENCES

~~SECRET~~



Department of State

TELEGRAM

~~SECRET~~ N00271

PAGE 01 JAKARTA 14946 02 OF 03 061011Z

20
ACTION N003-00

INFO OCT-01 ISO-00 /001 W

052500

P 061000Z DEC 75
FM AMEMBASSY JAKARTA
TO SECSTATE WASHDC PRIORITY 1500

S E C R E T SECTION 2, OF 3 JAKARTA 14946

N0018

OF OPINION. THAILAND AND MALAYSIA, WITH A COMMON BORDER WITH INDOCHINA, SAW NO IMMEDIATE THREAT AND WANTED TO ESTABLISH RELATIONS WITH HANOI. INDONESIA ADVISED THEM THAT EVEN THOUGH THERE WAS NO PHYSICAL THREAT THIS DID NOT MEAN THERE WAS AN ABSENCE OF DANGER, THE LOCAL INSURGENCIES REPRESENT A GREATER DANGER THAN WOULD AN OVERT PHYSICAL THREAT. THE ASEAN LEADERS HAVE NOW CONCLUDED THAT THE INSURGENT ELEMENTS HAVE STEPPED UP THEIR ACTIVITIES. THE ASEAN LEADERS WILL SEEK TO CONSOLIDATE THEIR ACTION IN THE FORTHCOMING ASEAN SUMMIT. THE AGENDA WILL INCLUDE ECONOMICS AND POLITICS AS WELL AS SECURITY.

18. ON THE ECONOMIC SIDE THE OBJECTIVE WILL BE TO STRENGTHEN NATIONAL RESILIENCE. IT IS IMPORTANT TO COOPERATE CLOSELY TOGETHER SO THAT NO COUNTRY IS A WEAK LINK. IN THIS CONNECTION THE ASEAN COUNTRIES WISHED TO TAKE A COMMON STAND ON TRADE RELATIONS AND AVOID COMPETITION AMONG THEMSELVES. A RELATIONSHIP NOW EXISTS WITH THE EEC AND CONSULTATIONS ARE CONDUCTED THROUGH A SPECIAL COMMITTEE CALLED SCAN. INDONESIA WOULD LIKE TO SEE THE ESTABLISHMENT OF CONSULTATIONS ON ECONOMIC MATTERS BY ASEAN WITH OTHER COUNTRIES AND PARTICULARLY THE UNITED STATES. HOW THIS WOULD BE DONE IS NOW BEING DISCUSSED. INDONESIA IS THE LEADER OF THE GROUP TALKING WITH THE EEC AND THE PHILIPPINES WILL BE THE LEADER OF THE GROUP IN DISCUSSIONS WITH THE UNITED STATES. (THIS POINT WAS SUBSEQUENTLY CLARIFIED WITH GENERAL SUHARMONO.)

~~SECRET~~



Department of State **TELEGRAM**

~~SECRET~~

PAGE 02 JAKART 14946 02 OF 03 051211Z

DOM FORD-WE WOULD WELCOME SUCH DISCUSSIONS AND WILL WAIT UNTIL THE INITIATIVE IS TAKEN BY THE PHILIPPINES FOR THE GROUP.

20. SUHARTO-THE ASEAN COUNTRIES DO NOT WISH TO EMBARK ON OVERLY AMBITIOUS PROGRAMS BUT WISH TO FIND PROJECTS BENEFICIAL TO ALL. PART OF THE EFFORT WILL BE IN INDUSTRIES IN WHICH PRODUCTS ARE CLEARLY IN DEMAND SUCH AS IN FERTILIZER. INDONESIA IS NOW PRODUCING UREA FERTILIZER AND THE PHILIPPINES HAS THE PROSPECT OF PRODUCING PHOSPHATES.

21. FORD-WHERE WOULD THE CAPITAL COME FROM FOR SUCH PROJECTS?

22. SUHARTO-WE ENVISAGE JOINT VENTURES WITH ALL FIVE COUNTRIES INVOLVED.

23. KISSINGER-WE WOULD WELCOME SUCH PROJECTS AND HAVE LONG SUPPORTED THE IDEA OF REGIONAL ARRANGEMENTS. WE BELIEVE THAT THESE WOULD HAVE AN IMPORTANT EFFECT.

24. SUHARTO-WE UNDOUBTEDLY WOULD BE LOOKING FOR CAPITAL FROM THE US ALSO FOR SUCH PROJECTS.

25. IN DISCUSSIONS OF SECURITY AMONG THE ASEAN COUNTRIES, WE ARE SEEKING TO AVOID ANY OUTWARD INDICATION OF A PACT. WE INTEND TO BEGIN BY AN EXCHANGE OF INTELLIGENCE ANALYSES AND ESTIMATES. WE WILL THEN DECIDE WHAT METHODS WE SHOULD USE TO REINFORCE OUR SECURITY.

26. FORD-DO YOU CONSIDER THE INSURGENCY IN THAILAND AND MALAYSIA YOUR MOST IMMEDIATE THREAT?

27. SUHARTO-EXACTLY. IT IS THERE THAT WE ARE NOW TRYING TO ANALYSE WHAT WE SHOULD DO, WHAT WE DO MUST BE CLOSELY RELATED TO OUR CAPABILITIES, TO A DETERMINATION OF HOW STRONG WE ARE. THESE CAPABILITIES ARE CURRENTLY LIMITED. IT IS IMPORTANT, THEREFORE, THAT WE CONSOLIDATE THE STRENGTH OF THE PEOPLES IDEOLOGY, POLITICALLY, ECONOMICALLY AND MILITARILY. ALL VILLAGES SHOULD BECOME

~~SECRET~~

NOT TO BE REPRODUCED WITHOUT THE AUTHORIZATION OF THE EXECUTIVE SECRETARY

Photocopy from Gerald R. Ford Library



Department of State **TELEGRAM**

~~SECRET~~

PAGE 03 JAKART 14946 02 OF 03 061211Z

FORTRESSES. THIS REQUIRES SUBSTANTIAL SMALL ARMS. THAILAND AND INDONESIA ARE STUDYING THE MEANS OF PROVIDING SUCH ARMS. BOTH MALAYSIA AND THAILAND ARE INTERESTED IN SMALL ARMS PRODUCTION BUT FOR SECURITY REASONS WOULD BE PREPARED TO SEE THIS PRODUCTION IN INDONESIA. WE WOULD LIKE TO BUILD A PLANT TO PRODUCE M-16 RIFLES. WOULD THE UNITED STATES CONSIDER ASSISTING IN THE CONSTRUCTION OF SUCH A PLANT?

28. KISSINGER-WE WOULD FAVOR THIS AS A GOVERNMENT BECAUSE OF ITS INDICATION OF WIDER COOPERATION.

29. FORD-WE WOULD BE MORE THAN SYMPATHETIC, WE WOULD BE ENTHUSIASTIC ABOUT SUCH A CONCEPT.

30. SUHARTO-WE ARE NOW TAKING FORMAL STEPS. HE LEADERSHIP ON THE PROJECT IS LEFT TO INDONESIA.

31. FORD-WE WERE NOT ANXIOUS TO WITHDRAW FROM THAILAND AS RAPIDLY AS THE THAIS WANTED.

32. KISSINGER-WE WILL KEEP UTAPAO AIR BASE.

33. FORD-WE ARE STILL IN THAILAND. WE ALSO HAVE HAD SOME CONTACTS WITH MALAYSIA AND SINGAPORE ABOUT INCREASED MILITARY AID.

34. SUHARTO-INSURGENCY HAS NOW REACHED THE CAPITALS IN BOTH THAILAND AND MALAYSIA. IT IS BECOMING INCREASINGLY DIFFICULT TO FACE THIS INSURGENCY. FOR ONE THING, THERE ARE CONFLICTS OF INTEREST IN BOTH THAILAND AND MALAYSIA. THE RACIAL PROBLEMS IN MALAYSIA ARE AN EXAMPLE. THE COMMUNISTS ARE TRYING TO SUBVERT BY CUTTING LINKS BETWEEN THE ASEAN COUNTRIES. THEY WANT TO CUT MALAYSIA FIRST.

35. FORD-WHERE ARE THE INSURGENTS COMING FROM?

36. SUHARTO-MAINLY FROM CHINA. 40 PCT OF THE POPULATION IN MALAYSIA ARE CHINESE, VIETNAM AND THE SOVIET UNION WILL NOT STAND STILL IF THEY FEEL THERE ARE OPPORTUNITIES IN MALAYSIA. WE NEED TO FORTIFY MALAYSIA BUT THIS IS NOT EASY TO DO BECAUSE OF THE CHINESE INFLUENCE IN MALAYSIA.

~~SECRET~~

NOT TO BE REPRODUCED WITHOUT THE AUTHORITY OF THE SECRETARY OF STATE

Photocopy from Gerald R. Ford Library



Department of State **TELEGRAM**

~~SECRET~~

PAGE R4 JAKARTA 14946 02 OF 03 061211Z

THIS CAUSES GREAT CONCERN TO SINGAPORE WHICH WOULD BE IN DANGER IF MALAYSIA FELL. WE ARE CONCERNED BECAUSE IT WOULD BRING THE COMMUNISTS RIGHT TO OUR THRESHHOLE.

37. FORD-IS THAILAND THREATENED BY VEITNAM?

38. SUHARTO-YES. THERE IS A LONG HATRED BETWEEN THAILAND AND VIETNAM.

39. I WOULD LIKE TO SPEAK TO YOU, MR PRESIDENT, ABOUT ANOTHER PABELM, TIMOR. WHEN IT LOOKED AS IF THE PORTUGUESE RULE WOULD END IN TIMOR WE SOUGHT TO ENCOURAGE THE PORTUGUESE TO AN ORDERLY DECOLONIZATION PROCESS. WE HAD AGREEMENT WITH THEM ON SUCH A PROCESS AND WE RECOGNIZED THE AUTHORITY OF PORTUGAL IN THE CARRYING OUT OF DECOLONIZATION AND IN GIVING PEOPLE THE RIGHT TO EXPRESS THEIR WISHES. INDONESIA HAS NO TERRITORIAL AMBITIONS. WE ARE CONCERNED ONLY ABOUT THE SECURITY, TRANQUILITY AND PEACE OF ASIA AND THE SOUTHERN HEMISPHERE. IN THE LATEST ROME AGREEMENT THE PORTUGUESE GOVERNMENT WANTED TO INVITE ALL PARTIES TO NEGOTIATE. SIMILAR EFFORTS WERE MADE BEFORE BUT FRETILIN DID NOT ATTEND. AFTER THE

~~SECRET~~

E.O. 12958, 28 JANUARY 1997
February 27, 2009



Department of State **TELEGRAM**

~~SECRET~~ N00274

PAGE 01 JAKARTA 14946 03 OF 03 051237Z

22
ACTION NODS-00

INFO OCT-01 ISO-00 /001 W

052850

P 061000Z DEC 75
FM AMEMBASSY JAKARTA
TO SECSTATE WASHDC PRIORITY 1501

S E C R E T SECTION 3 OF 3 JAKARTA 14946

N0013

FRETELIN FORCES OCCUPIED CERTAIN POINTS AND OTHER FORCES WERE UNABLE TO CONSOLIDATE, FRETELIN HAS DECLARED ITS INDEPENDENCE UNILATERALLY. IN CONSEQUENCE OTHER PARTIES DECLARED THEIR INTENTION OF INTEGRATING WITH INDONESIA. PORTUGAL REPORTED THE SITUATION TO THE UNITED NATIONS BUT DID NOT EXTEND RECOGNITION TO FRETELIN. PORTUGAL, HOWEVER, IS UNABLE TO CONTROL THE SITUATION. IF THIS CONTINUES IT WILL PROLONG THE SUFFERING OF THE REFUGEES AND INCREASE THE INSTABILITY IN THE AREA.

40. FORD-THE FOUR OTHER PARTIES HAVE ASKED FOR INTEGRATION?

41. SUWARTO-YES, AFTER THE UDT, INDONESIA FOUND ITSELF FACING A FATE ACCOMPLI. IT IS NOW IMPORTANT TO DETERMINE WHAT WE CAN DO TO ESTABLISH PEACE AND ORDER FOR THE PRESENT AND THE FUTURE IN THE INTEREST OF THE SECURITY OF THE AREA AND INDONESIA. THESE ARE SOME OF THE CONSIDERATIONS WE ARE NOW CONTEMPLATING. WE WANT YOUR UNDERSTANDING IF WE DEEM IT NECESSARY TO TAKE RAPID OR DRASTIC ACTION.

42. FORD-WE WILL UNDERSTAND AND WILL NOT PRESS YOU ON THE ISSUE. WE UNDERSTAND THE PROBLEM YOU HAVE AND THE INTENTIONS YOU HAVE.

43. KISSINGER-YOU APPRECIATE THAT THE USE OF US-MADE ARMS COULD CREATE PROBLEMS.

~~SECRET~~

NOT TO BE REPRODUCED WITHOUT THE AUTHORIZATION OF THE EXECUTIVE SECRETARY

TOP SECRET



Department of State **TELEGRAM**

~~SECRET~~

PAGE 02 JAKARTA 14046 03 OF 03 061237Z

RRM FORD-WE COULD HAVE TECHNICAL AND LEGAL PROBLEMS, YOU ARE FAMILIAR, MR PRESIDENT, WITH THE PROBLEMS WE HAD ON CYPRUS ALTHOUGH THIS SITUATION IS DIFFERENT.

45. KISSINGER-IT DEPENDS ON HOW WE CONSTRUE IT; WHETHER IT IS IN SELF DEFENSE OR IS A FOREIGN OPERATION, IT IS IMPORTANT THAT WHATEVER YOU DO SUCCEEDS QUICKLY. WE WOULD BE ABLE TO INFLUENCE THE REACTION IN AMERICA IF WHATEVER HAPPENS HAPPENS AFTER WE RETURN. THIS MAY THERE WOULD BE LESS CHANCE OF PEOPLE TALKING IN AN UN-AUTHORIZED WAY. THE PRESIDENT WILL BE BACK ON MONDAY AT 2:00 PM JAKARTA TIME. WE UNDERSTAND YOUR PROBLEM AND THE NEED TO MOVE QUICKLY BUT I AM ONLY SAYING THAT IT WOULD BE BETTER IF IT WERE DONE AFTER WE RETURNED.

46. FORD-IT WOULD BE MORE AUTHORITATIVE IF WE CAN DO IT IN PERSON.

47. KISSINGER-WHATEVER YOU DO, HOWEVER, WE WILL TRY TO HANDLE IN THE BEST WAY POSSIBLE.

48. FORD-WE RECOGNIZE THAT YOU HAVE A TIME FACTOR, WE HAVE MERELY EXPRESSED OUR VIEW FROM OUR PARTICULAR POINT OF VIEW.

49. KISSINGER-IF YOU HAVE MADE PLANS, WE WILL DO OUR BEST TO KEEP EVERYONE QUIET UNTIL THE PRESIDENT RETURNS HOME.

50. DO YOU ANTICIPATE A LONG GUERILLA WAR THERE?

51. SUHARTO-THERE WILL PROBABLY BE A SMALL GUERILLA WAR. THE LOCAL KINGS ARE IMPORTANT, HOWEVER, AND THEY ARE ON OUR SIDE. THE UOT REPRESENTS FORMER GOVERNMENT OFFICIALS AND FRETELIN REPRESENTS FORMER SOLDIERS. THEY ARE INFECTED THE SAME AS IS THE PORTUGUESE ARMY WITH COMMUNISM.

52. I WOULD LIKE TO SAY A WORD ABOUT TRADE RELATIONS. THERE ARE SEVERE ECONOMIC PRESSURES ON OUR COUNTRIES.

~~SECRET~~

DECLASSIFIED
A/ISS/IPS, Department of State
E.O. 12958, as amended
February 27, 2009



Department of State **TELEGRAM**

~~SECRET~~

PAGE 03 JAKARTA 14048 03 OF 03 061237Z

WE MUST DO ALL WE CAN TO MAXIMIZE OUR INCOME. IN THIS CONNECTION THERE IS AN IMBALANCE OF PROFITS BETWEEN THE OIL COMPANIES OPERATING IN INDONESIA AND THOSE OPERATING IN THE MIDDLE EAST. INDONESIAN COMPANIES MAKE AS MUCH AS \$2.50 A BARREL WHEREAS THE PROFITS IN THE MIDDLE EAST ARE UNDER \$1.00 A BARREL.

53. FORD-ARE THEY REINVESTING AND EXPANDING OPERATIONS?

54. SUHARTO-YES, WE DON'T WANT TO INTERFERE WITH THAT BUT WE BELIEVE THEY CAN STRETCH OUT THEIR PROFITS. WHAT WE DO SHOULD NOT BE INTERPRETED AS NATIONALIZATION. WE ARE SEEKING AN UNDERSTANDING AND NEGOTIATIONS ARE UNDER WAY. PROSPECTS ARE ENCOURAGING. WE ALSO WANT THE UNDERSTANDING OF THE USG HOWEVER.

55. FORD-THEY SHOULD BE GRATEFUL THAT THEY ARE TREATED WELL HERE IN INDONESIA, MUCH BETTER THAN IN SOME OTHER COUNTRIES. I HOPE THAT YOUR NEGOTIATIONS WITH THEM WILL BE BENEFICIAL AND THAT THEY WILL SUPPORT YOUR EFFORT.

56. KISSINGER-OUR MAIN CONCERN IS THAT WHATEVER YOU DO DOES NOT CREATE A CLIMATE THAT DISCOURAGES INVESTMENT. BASICALLY THE MATTER IS BETWEEN YOU AND THE COMPANIES. WE ARE NOT INVOLVED IN SUCH PROBLEMS.

57. SUHARTO-WE HAVE TAKEN THESE VIEWS INTO ACCOUNT AND EVERYTHING THAT WE DO WILL BE BASED ON EXISTING LAWS. WE WANT TO FIND WAY OF OBTAINING REVENUE WHICH WILL NOT JEOPARDIZE FAIR PROFITS FOR THE COMPANIES.

58. KISSINGER- WE APPRECIATE YOUR CLARIFICATION OF THIS MATTER.

59. FORD-LET ME ASSURE YOU THAT WE UNDERSTAND YOUR SITUATION. WE HAVE NO PARTICULAR RECOMMENDATIONS.

60. SUHARTO-ONCE MORE, I THANK YOU FOR THIS VISIT. WE ARE A COUNTRY THAT HAS MANY NEEDS AND WE CONTINUE TO LOOK TO THE UNITED STATES TO HELP US.

~~SECRET~~



Department of State TELEGRAM

~~SECRET~~

PAGE 04 JANART 14945 03 OF 03 001037Z

YOM FORD-WE WILL DO WHAT WE CAN, OUR PROBLEM IS TO CON-
VINCE CONGRESS WHERE WE HAVE GREAT DIFFICULTIES. ALTHOUGH
PROSPECTS MAY BE A LITTLE BETTER THAN WE HAD THOUGHT EARLIER,
ON THE ECONOMIC SIDE, WE ARE SEEKING TO OBTAIN THE MAXIMUM
AMOUNT WHICH IS IN THE VICINITY OF 380 MILLION THIS YEAR.
WE WILL ALSO TRY TO GET CONGRESS TO MODIFY THE TRADE ACT
WHICH EXCLUDES OPEC COUNTRIES FROM GENERALIZED PREFERENCES.
WE REALIZE THAT INDONESIA DID NOT PARTICIPATE IN THE OIL
EMBARGO, CONGRESS HAS, UNFORTUNATELY TREATED ALL OPEC
COUNTRIES IN THE SAME FASHION.

02. I WOULD LIKE TO MENTION ALSO, MR PRESIDENT, THAT I
WANT TO MAINTAIN A DIRECT RELATIONSHIP. IF YOU HAVE ANY-
THING SPECIAL, I HOPE YOU WILL COMMUNICATE WITH ME
DIRECTLY BY WHATEVER MEANS SEEMS APPROPRIATE. NEWSOM

~~SECRET~~

NOT TO BE REPRODUCED WITHOUT THE AUTHORIZATION OF THE EXECUTIVE SECRETARY

SECRET

ANEXO 4 – NATIONAL ARCHIVES, RG 59, TRANSCRIPTS OF SECRETARY OF STATE KISSINGER’S STAFF MEETINGS, 1973–1977, E5177, BOX 8. SECRET.

DECLASSIFIED
A/ISS/IPS, Department of State
E.O. 12868, as amended
December 18, 2008

[Omitted here is the summary of the meeting.]



DECLASSIFIED
Authority NW 989505
By W NARA Date 7/21/23

DECLASSIFIED
A/ISS/IPS, Department of State
E.O. 12868, as amended
December 18, 2008

~~SECRET~~
GDS

The Secretary's 8:00 a.m. Staff Meeting
Tuesday, August 12, 1975

PARTICIPANTS:

THE SECRETARY OF STATE -- HENRY A. KISSINGER

P - Mr. Sisco
M - Mr. Eagleburger
AF - Ambassador Mulcahy, Acting
ARA - Mr. Rogers
EA - Mr. Habib
EUR - Mr. Armitage, Acting
NEA - Mr. Atherton
INR - Mr. Hyland
S/P - Mr. Lord
EB - Mr. Enders
S/PRS - Mr. Funseth
PM - Mr. Vest
IO - Mr. Buffum
H - Mr. Jenkins, Acting
L - Mr. Schwebel, Acting
S/S - Mr. Borg, Acting
S - Mr. Bremer

DECLASSIFIED
 Authority NW 989505
 By ANARA Date 7/21/02

DECLASSIFIED
 A/ISS/IPS, Department of State
 E.O. 12958, as amended
 December 18, 2008

~~SECRET~~

2

PROCEEDINGS

SECRETARY KISSINGER: Joe.

MR. SISCO: Nothing.

MR. EAGLEBURGER: Nothing.

SECRETARY KISSINGER: Phil.

MR. HABIB: We have had an incomplete series of reports on a coup in Portuguese Timor, which is creating a little bit of flak in Indonesia and Australia. We are not sure what happened, but evidently one of the Timorese Liberation for Independence groups has taken over the government one way or another. We don't know what their intentions are.

The Indonesians are quite upset and are mobilizing some forces very quietly.

When the situation becomes clear, we will know whether or not it is sufficiently serious that the Indonesians will take action. It is quite clear the Indonesians will not let a hostile group -- that is to say a Communist-dominated group -- take over.

SECRETARY KISSINGER: Yes. But who is that group?

MR. HABIB: As best we can tell, it is a group called the UDT, the Democratic Union of Timorese, which is not a Communist-controlled group. There is another group on the island which has some armed forces which is a

~~SECRET~~

DECLASSIFIED
 Authority *NW 94505*
 By *ANARA* Date *7/21/02*

DECLASSIFIED
 A/ISS/IPS, Department of State
 E.O. 12958, as amended
 December 18, 2008

~~SECRET~~

3

Communist-dominated group.

If it is the UDT, it may very well be that the Indonesians are behind it and are not telling anybody yet. But from intercept traffic, we are not sure that the Indonesians are that fully clued in. And we will just to have to wait. We should have some more information today.

In any event, whichever way it goes, if it is an Indonesian move, or the Indonesians move against it, I think it is a situation in which we should just do nothing. It is quite obvious that the Indonesians are not going to let any hostile element take over an island right in the midst of the Indonesian archipelago.

SECRETARY KISSINGER: It is quite clear that the Indonesians are going to take over the island sooner or later.

MR. HABIB: Eventually. That is always expected. The only ones liable to react verbally will be the Australians, who will feel impaled to say something.

SECRETARY KISSINGER: Why should Whitlam care about the ~~dis~~appearance of a vestige of colonialism?

MR. HABIB: Whitlam has said over and over again they don't mind what happens to Portuguese Timor so long as it is with the consent of the people -- and he has taken

~~SECRET~~

DECLASSIFIED
 Authority NW 989505
 By ANARA Date 7/21/03

DECLASSIFIED
 A/ISS/IPS, Department of State
 E.O. 12958, as amended
 December 18, 2008

~~SECRET~~

4

that high posture, and his party is on record.

As a matter of fact, he said something like that to you when he was here. And they have assumed that it eventually if it will be free, the preferable thing would be to let it stay in Portuguese hands for a couple of years while it sorts itself out.

SECRETARY KISSINGER: What does "sort itself out" mean in Timor?

MR. HABIB: The answer is until the Indonesians have organized sufficiently the Timorese into some kind of pro-Indonesian enosis group.

SECRETARY KISSINGER: Aren't you getting carried away a little bit?

MR. HABIB: It is a Greek word I learned from Tom Enders, who speaks Greek fluently. Or is that Latin you speak?

But in any event, the important thing is that we should not get ourselves sucked into this one by having opinions, unless you disagree -- I mean publicly.

(Laughter)

I think it is just made to order --

SECRETARY KISSINGER: You didn't mean that last phrase at all.

MR. HABIB: Well, subject to your confirmation,

~~SECRET~~

DECLASSIFIED
Authority NW 989505
By ANARA Date 7/21/02

DECLASSIFIED
A/ISS/IPS, Department of State
E.O. 12868, as amended
December 18, 2008

~~SECRET~~

5

I have provided the guidance yesterday we should have no

[Omitted here is material unrelated to Portuguese Timor.]

1